Nº621 • SET/OUT'26 • €1.50

REVISTA DA ARMADA



DIA DO MARINHEIRO
A MARINHA DESEMBARCOU EM GUIMARÃES

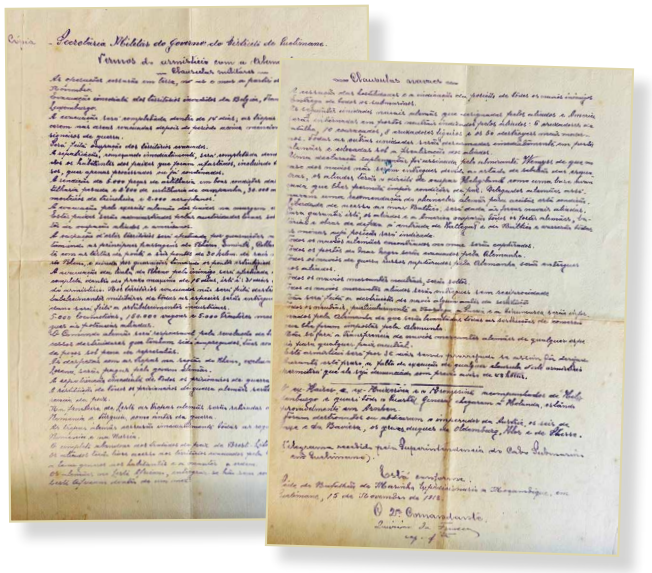
CURIOSIDADES

O BATALHÃO DE MARINHA EXPEDICIONÁRIO A MOÇAMBIQUE, E O ARMISTÍCIO

1918

Em 17 de junho de 1918 partiram para Moçambique o NRP *Almirante Reis* e o paquete *Lourenço Marques* com o Batalhão de Marinha Expedicionário a Moçambique (BMEM), sob o comando do CFR Joaquim Pedro Vieira Júdice Bicker, tendo como 2.º Comandante o CFR Henrique Quirino da Fonseca. Este Batalhão foi constituído num período de grande instabilidade política (8 de janeiro de 1918), pelo Decreto-Lei 4086 de 5 de abril de 1918, pelo então Ministro da Marinha José Carlos da Maia. A guarnição, que incorporava voluntários e um elevado número de marinheiros do cruzador NRP *Vasco da Gama* e do Quartel de Marinha em Alcântara, que tinham sido exilados para Moçambique, em resultado de uma revolta republicana contra o governo de Sidónio Pais, incluía 18 oficiais, entre os quais se encontrava o então GMAR Alfredo Motta (1894-1984).

O BMEM chegou a Lourenço Marques em 1 de agosto de 1918 e ficou na dependência do Governador-Geral de Moçambique, Coronel Massano de Amorim, tendo sido estabelecido Mossuril como destino seguinte. Em Mossuril, o Batalhão era constituído por 741 militares, e passado algum tempo, seguiu para Quelimane, onde, embora próximo do final das hostilidades da Grande Guerra, era necessário reforçar a defesa devido ao rápido avanço das tropas alemãs do General Von Lettow-Vorbeck, que pouco antes tinha infligido uma pesada derrota às tropas portuguesas e inglesas em Namacurra. Na região de Quelimane, o BMEM operou entre agosto de 1918 e fevereiro de 1919. Terminada a guerra em 11 de novembro de 1918, uma parte do Batalhão regressou a Lisboa em janeiro de 1919 nos cruzadores NRP *Adamastor* e NRP *São Gabriel*, enquanto outro grupo regressou em 21 de abril de 1919 no paquete *Lourenço Marques*. Tendo sido dissolvido em junho de 1919, o BMEM sofreu 85 baixas, incluindo 2 oficiais.



Em pesquisa recente, foi encontrado no espólio do CALM Alfredo Motta um curioso documento da Secretaria-Geral do Governo do Distrito de Quelimane, assinado pelo Comandante Quirino da Fonseca, com uma descrição pormenorizada das condições do armistício, intitulado "Termos do Armistício da Alemanha – Cláusulas Militares".

Foi igualmente encontrado um postal de 14 de novembro de 1918, escrito de Quelimane, por Alfredo Motta, dirigido a uma prima em Lisboa.

Prof. Manuel Galvão de Melo e Mota
Professor Catedrático, Universidade Lusófona
mmota@me.com



Paquete Lourenço Marques

SUMÁRIO

02 Curiosidades

04 Navegando pela Palavra...
Envelhecer (9)

06 Tomadas de Posse | Entregas de Comando

10 Estaleiro Naval Jaime Costa
3. O bote de fragata *O Aldeano*: construir um barco como antigamente

22 Guerra no Pacífico – Raymond A. Spruance

23 Gentes, Monumentos e Acontecimentos (19)

28 Dia Nacional da Praça das Forças Armadas

29 Desporto em Dia

30 Renovadas Histórias da Botica ~ 95

31 Convívios e Encontros

32 Vigia da História ~ 157

33 Quarto de Folga

34 Notícias Pessoais

35 Eclipse sobre o Farol do Cabo Espichel

CC Marinha Portuguesa em Selos (XX)

DESTAQUES

08 *Advanced Search and Rescue Exercise*
14.º Edição

14 Dia do Marinheiro
A Marinha desembarcou em Guimarães

27 Bolsas Erasmus+ Marinha
Apoio Universitário

Capa
Dia do Marinheiro em Guimarães
Foto SCH A Ferreira Dias

Diretor
CALM AN Nelson Alves Domingos

Subdiretora
CFR TSN-COM Ana Alexandra Gago de Brito

Designer Gráfica
STEN TSN (DSG) Mariana Gonçalves Lage

Secretária da Redação
SAJ L Aida Margarida Leigo

Administração, Redação e Edição
Revista da Armada – Edifício das Instalações Centrais de Marinha – Rua do Arsenal
1149 – 001 Lisboa – Portugal
Telef. +351 211 593 251

Redação
revista.armada@marinha.pt

Secretaria/Assinaturas
ra.secretaria@marinha.pt
Telef. +351 211 593 251

Estatuto Editorial
www.marinha.pt/pt/Serviços/Paginas/revista-armada.aspx

Paginação eletrónica e produção
What Colour is this?
Rua Roy Campbell, Lote 5, 4.º B
1300-504 Ajuda
info@wcit.pt
Telef. +351 219 267 950
(Chamada para rede fixa nacional)

Publicação Oficial da Marinha
Periodicidade mensal
Nº 621 / Ano LV
Setembro/Outubro 2026

Tiragem média mensal
3250 exemplares

Revista registada na ERC
Registo nº 127719
Depósito legal nº 55737/92
ISSN 0870-9343

Propriedade
Marinha Portuguesa
NIPC 600012662

REVISTA DA ARMADA

NAVEGANDO PELA PALAVRA... 9

Envelhecer

«A expressão mais característica do nosso tempo é, em certo sentido, a campanha contra a velhice, uma fase da vida que as pessoas encaram hoje com especial terror. À medida que a proporção de pessoas velhas no conjunto da população vai aumentando, o problema da velhice vai atraindo cada vez mais a atenção preocupada de médicos, demógrafos, psiquiatras, investigadores de medicina, sociólogos, reformadores sociais, políticos e futurologistas. Há um crescente número de ciências e pseudociências – geriatria, gerontologia, tanatologia, criologia, «imortalismo» – centradas especificamente nas questões do envelhecimento e da morte; e há muitas outras, como a genética, a engenharia genética e a medicina comunitária, que aderiram à luta que visa aliviar ou abolir os estragos provocados pela passagem do tempo – uma luta que é profundamente apreciada por uma cultura moribunda. É manifesto que a nossa sociedade não vê grande utilidade nos idosos; definindo-os como inúteis, obriga-os a reformarem-se antes de terem exaurido a sua capacidade de trabalho e, sempre que pode, reforça um sentimento que estas pessoas já têm: de que estão a mais.»

Christopher Lasch, ***A Cultura do Narcisismo***

Venki Ramakrishnan, Nobel da Química em 2009, afirmou que «*pensamos no envelhecimento como uma mudança ou um dano generalizado.* [...] *Com o passar do tempo, há danos a todos os níveis e alterações no nosso genoma. E isso cria disfunções celulares, dos tecidos e, por fim, de todo o organismo. Portanto, tudo está interligado. Porque algo que muda no nível molecular vai afetar o nível celular e o dos tecidos, e assim por diante. O que se pode dizer é que há um conjunto de coisas que conhecemos, que mudam com a idade, com o tempo, e nos fazem envelhecer.* [...] *A questão que se coloca é se podemos usar esse conhecimento para melhorar ou retardar o nosso próprio envelhecimento. Não estou muito convencido disso.*»

No final da década existirão no mundo 1,4 mil milhões de pessoas com mais de 60 anos e, em 2050, uma em cada seis terá mais de 65 anos. O envelhecimento constitui, muito provavelmente, a questão mais premente das sociedades contemporâneas. Mais a mais para os que têm a noção de já ter iniciado essa fase inescapável. Um ditado grego diz que "uma sociedade só se engrandece quando os velhos plantam árvores à sombra das quais nunca se sentarão", que o mesmo é dizer que o seu legado é valorizado pelas gerações mais novas, o oposto do que se nos depara.

Apesar de estarmos inseridos numa sociedade ainda muito desigual, nunca a generalidade das pessoas viveu tão bem e de forma tão longeva, com saúde e recursos para enfrentar o crepúsculo. O psiquiatra Júlio Machado Vaz chama-lhe "outonecer", termo que dá título ao seu mais recente livro, no qual partilha os temores desta fase da (sua) vida, contribuindo, assim, para desmistificar esse sentimento. No fundo, empresta voz àquilo que todos interiorizamos. Tememos e ocultamos. «*Não vale a pena mentir-me – outoneço em sobressalto.* [...] *De tristeza e medo já chorei muito, não duvido que outras lágrimas me esperem ao virar da esquina, dos dias, das pessoas* [...] *Como toda a gente já engoli o choro em público e pelo público, lembro-me de dar aulas e nos intervalos refugiar-me nos lavabos para abrir os diques da angústia.* [...] *Outonecer também é uma boa oportunidade para não repetir erros. São como os lutos – ninguém chega ao fim da vida sem os experimentar.* [...] *No meu caso, envelhecer também é isso, uma sensação de precariedade, um «**agora ou nunca**» envergonhado, não me despeço dos que me são queridos como antigamente. Digo «até um dia destes», mas, em pano de fundo, receio que tenha sido um «Adeus», não dou o simples amanhã por certo, as clareiras não param de crescer, as minhas raízes vão apodrecendo e não vejo razão lógica para os raios me decretarem reserva protegida*». Problemas da idade, vulgo PDI.

Para Tolentino Mendonça este «*outono é um convite à sua contemplação. Mas para isso – e é também um desafio outonal – precisamos de reencontrar o silêncio, a concentração, os caminhos despovoados, a nossa própria solidão que nos acalma. Precisamos de colocar um casaco, as velhas botas nos pés e sair, sem esquecer a importância de fazer paragens, uma pausa que nos ajude a descobrir sob a paisagem coberta de folhas mortas o pulsar intenso da vida*». Gabriel García Márquez (1927-2014) confessou que «*o segredo de uma velhice agradável consiste apenas na assinatura de um honroso pacto com a solidão*».

No derradeiro fôlego são as (boas) memórias que nos prendem à vida, muito embora proliferem os livros, as terapias e os ensinamentos que nos ajudam a envelhecer. Ou, talvez, a sobreviver. No romance *Nós*, David Nichols confidencia: «*não fiques quieto, tenta não envelheceres, não tomes nada por garantido. Sempre me levaram a crer que envelhecer era um processo lento e gradual, o arrastar de um glaciar. Agora me apercebo de que acontece subitamente, como neve a cair de um telhado* [...] *após uma certa idade, os nossos gostos, instintos e inclinações endurecem como cimento.* [...] *E sendo o tempo aquilo que é, ficámos mais velhos. Engrossámos e descaímos de maneiras que teriam parecido implausíveis, ou até cómicas, aos nossos eus mais jovens*». Na fase adiantada da vida o poeta espanhol Juan Luis Panero (1942-2013) assumiu que «*envelhecer é ver morrer*». Ainda assim, a idade não pode somar-se ao peso de um corpo crescentemente disfuncional. No romance *Agarra o Dia*, o escritor judeu Saul Bellow (1915-2005) preconiza que «*uma pessoa pode cansar-se de se autoexaminar e de tentar emendar-se*». Não obstante, acrescenta, «*não podemos passar toda a segunda metade da vida a recompor-nos dos erros da primeira metade*». Isso seria morrer na meia-idade, um desperdício de vitalidade. Viver é envelhecer e cabe a cada um tornar a afirmação biunívoca e verdadeira.

Sem a isso nada podermos obstar, o tempo escorre de forma implacável e com total desprezo pelas nossas comoções. «*Quanto tempo decorreu entre o velho de faces escavadas e olhos lacrimosos que te escreve agora e o miúdo de oito anos, ligeiro como uma andorinha, que fui outrora?*», pergunta Richard Zimler n'*O Evangelho segundo Lázaro*. Numa analogia sobre a discreta beleza da passagem da vida e das estações, José Saramago (1922-2010) legou-nos a sua reflexão no *Memorial do Convento*: «*Em plena primavera o número de folhas suplanta largamente as flores, mas*



é igualmente verdade que no final do outono as folhas que «não o são» suplantam as folhas que eram. Neste breve intervalo de tempo poderíamos ver coisas maravilhosas, se soubéssemos olhar para elas». Segundo Hannah Arendt (1906-1975) «*não existe analogia entre, digamos, um pôr-do-sol e a velhice. E quando o poeta numa metáfora gasta fala da velhice como «o pôr-do-sol da vida» tem em mente que o pôr-do-sol se relaciona com o dia que o precedeu como a velhice se relaciona com a vida*».

«*À medida que envelhece, a maior parte das pessoas continua a acreditar em patetices, geralmente cada vez maiores* [...] *À medida que a vida avança e a pessoa vai sendo obrigada a renunciar às ilusões, e aos sonhos e aos desejos da juventude, aumenta a sensação de ser vítima do mundo e dos outros. Encontramos sempre alguém que é culpado do nosso infortúnio ou fracasso, alguém que queremos excluir. Abraçar uma doutrina que dê um conteúdo positivo a esse rancor e a esse vitimismo reconforta e dá forças. A velhice é a vaselina da credulidade. Quando a morte bate à porta, o cepticismo salta pela janela. Um bom susto cardiovascular e a pessoa até na história do Capuchinho Vermelho acredita*», afirma Carlos Ruiz Zafón (1964-2020) em *O Jogo do Anjo*. Numa abordagem mais filosófica, Herman Melville (1819-1891) advogava que «*a velhice é sempre insone; como se, quanto mais se prolonga a sua ligação à vida, menos o homem queira relacionar-se com o que se assemelha à morte*». É o temor pelo desconhecido, que a falta de fé e uma consciência mal resolvida avolumam quando se antecipa o derradeiro acerto de contas.

Se atentarmos no calendário acabámos de entrar no outono. E todos sabemos que o outonecer se agudiza no Natal. Invernece, literalmente, com a chegada do solstício. Com a sua sensibilidade aguda, Fernando Pessoa (1888-1935) legou-nos o seu conselho para envelhecer:

«O tempo passa,
Não nos diz nada.
Envelhecemos.
Saibamos, quase
Maliciosos,
Sentindo-nos ir.»

O idoso perde o ânimo quando sente que a sua presença se tornou supérflua. Quando se sente um fardo. A solidão não é apenas física. É, sobretudo, emocional. Sentimento que se agudiza quando, rodeado de gente, já ninguém dá pela sua presença. Que se agrava quando – presente – é invisível aos olhos dos que mais ama. O corpo não piora necessariamente com a idade, as mais das vezes deteriora-se por excesso de conforto. Por ausência de atividade física e mental, por falta de convivência e de afeto. Pela falta de desafios, físicos, emocionais e espirituais. Quando os músculos não são usados, desaprendem. E tudo tem o seu "músculo", o corpo, a mente e até a alma. Há que cuidar desse tripé sob pena do equilíbrio vital se esboroar. «*A melhoria das condições de vida acompanha muitas vezes a deterioração das razões para viver*», confessa Michel Houellebecq em *Aniquilação*.

Na peça *O Mal-Entendido*, muito provavelmente a sua obra menos conhecida, Albert Camus (1913-1960) diz que «*o outono é uma segunda primavera, onde cada folha é uma flor*», um estímulo para vivermos o outonecer com maior ânimo. «*Tinha a barba já muito grisalha, mas ainda cuidadosamente arranjada e aparada e um rosto ainda sem rugas, calmo e tranquilo; pois os homens de pensar rígido e coração duro envelhecem devagar*», conta o sérvio Ivo Andrić (1892-1975). Em *A Cerimónia do Adeus*, entrevista de uma década à companheira Simone Beauvoir (1908-1986), Jean-Paul Sartre (1905-1980) confidenciou: «*nunca me senti velho. E como o meu físico não é o de velho clássico – não tenho uma barba branca, não tenho um bigode branco, não tenho nem barba nem bigode – então ainda me vejo como aos trinta e cinco anos*». «*Envelhecer é perder a capacidade de se espantar.* [...] *À medida que envelhecemos, tendemos a obedecer mais ao medo do que à razão. A forma que encontrei para me manter jovem até ao fim tem sido enfrentar o medo*», diz José Eduardo Agualusa em *Tudo sobre Deus*. Na crónica intitulada *Velhice*, Lobo Antunes (1942-2026) registou: «*Quando der por mim encontro o meu sorriso na mesinha de cabeceira a troçar-me num copo de água com trinta e dois dentes de plástico.* [...] *E, no entanto, sem que me dê conta, ainda me acontece apalpar a algibeira à procura da fisga. Ainda gostava de ter um canivete de madrepérola com sete lâminas, saca-rolhas, tesoura, abre-latas e chave de parafusos.* [...] *Pensando bem (e digo isto ao espelho) não sou um senhor de idade que conservou o coração menino. Sou um menino cujo envelope se gastou*». O crepúsculo do ser é a alvorada da alma, como bem demonstram estas joviais e inspiradoras convicções. *Carpe diem!*

«Ponderando bem, acho que por quatro razões se representa miserável a velhice: a saber, porque obsta aos exercícios da vida ativa, porque traz consigo enfermidades do corpo, porque priva quasi totalmente de deleitações e enfim porque dista pouco da morte.* [...] *As leis e institutos dispensam os velhos de tudo o que requer forças, de sorte que não só se nos não pede mais do que podemos, mas nem ainda quanto podemos.* [...] *Tenha-se cuidado com conservar a saúde; faça-se moderado exercício; trate-se, na comida e bebida, de refazer, não de oprimir as forças. E não se auxilie só o corpo, mas o entendimento também; e este muito mais, porque se apaga com a velhice, como se apaga a luz se lhe não aplicam óleo.* [...] *Pode esta felicidade caber aos velhos: não tolhe a idade que possuamos até ao extremo da velhice vários bens, e sobre todos o gosto da cultura da terra.* [...] *Mas não deveis perder de vista que a velhice a que dou louvor é a que assenta em fundamento lançado nas outras idades: porque, sem ele, miserável é a velhice. Razão, aviso, conselho acham-se nos velhos. A autoridade é a coroa dos bens da velhice.»

Cícero (106-43 a.C), ***Sobre a velhice***

António Manuel Gonçalves
CFR
Antigo Comandante do NRP Sagres *(2015-2017)*

TOMADAS DE POSSE | ENTREGAS DE COMANDO

DIRETOR-GERAL DA AUTORIDADE MARÍTIMA E COMANDANTE-GERAL DA POLÍCIA MARÍTIMA

O VALM José Diogo Pessoa Arroteia assumiu, no dia 1 de julho, as funções de Diretor-Geral da Autoridade Marítima e Comandante-Geral da Polícia Marítima, sucedendo no cargo ao VALM Nuno Chaves Ferreira, numa cerimónia realizada na Casa da Balança, nas Instalações Centrais de Marinha, em Lisboa.

Presidida pelo Secretário de Estado Adjunto e da Defesa Nacional, Álvaro Castello-Branco, a cerimónia contou com a presença do Chefe do Estado-Maior da Armada e Autoridade Marítima Nacional (CEMA e AMN), Almirante Jorge Nobre de Sousa, bem como de diversas entidades civis e militares.

O Secretário de Estado Adjunto e da Defesa Nacional, desejou ao novo Diretor-Geral e Comandante-Geral "os maiores sucessos no exercício das funções que agora assume" e destacou particularmente o papel da Autoridade Marítima Nacional e da Polícia Marítima na primeira linha do combate ao narcotráfico marítimo.

No seu discurso de tomada de posse, o VALM Pessoa Arroteia reconheceu desde o primeiro momento a dimensão do desafio que agora assume. "Tenho perfeita noção do desafio que tenho de enfrentar e a sua complexidade", afirmou, sublinhando, contudo, que a capacidade para o superar reside sobretudo nas pessoas que diariamente asseguram o cumprimento da missão.

Trata-se de uma realidade profissional singular e multidisciplinar, na qual diferentes competências convergem para um objetivo comum. Militares, agentes da Polícia Marítima, faroleiros, pessoal do Troço do Mar, polícias dos estabelecimentos de Marinha, trabalhadores civis, administrativos e operacionais e tripulantes das embarcações salva-vidas constituem uma estrutura humana dispersa pelo território, mas unida pela missão de serviço público no mar e junto à costa. "Não posso estar mais orgulhoso e honrado por assumir, a partir de hoje, a tutela de todos estes profissionais", afirmou o novo Diretor-Geral da Autoridade Marítima e Comandante-Geral da Polícia Marítima.



Foto STEN TN (DSG) Eva Ferreira

Estas palavras colocaram as pessoas no centro daquela que será uma nova etapa para a organização, reconhecendo que, independentemente da evolução tecnológica, dos meios disponíveis ou dos novos modelos de atuação, são a preparação, o conhecimento, a experiência e a disponibilidade permanente dos profissionais que permitem transformar capacidades em resultados concretos.

O CEMA e AMN, Almirante Jorge Nobre de Sousa, reafirmou a importância desta missão e a sua ligação aos interesses estratégicos do país.

"A Marinha e a Autoridade Marítima Nacional continuarão, assim, a afirmar-se como parceiros indispensáveis do Estado na promoção da segurança marítima e na proteção dos superiores interesses nacionais nos diferentes espaços marítimos e domínios conexos", afirmou.

Colaboração da ***DIREÇÃO-GERAL DA AUTORIDADE MARÍTIMA***

SÍNTESE CURRICULAR

Nascido em 1968, o VALM Diogo Arroteia ingressou na Escola Naval em 1985, tendo concluído a Licenciatura em Ciências Militares Navais, classe de Marinha, em 1990.

Especializou-se em Comunicações em 1992 e no mar, como oficial subalterno, desempenhou funções a bordo de vários navios, participando em operações como a crise na Guiné-Bissau em 1998 e no Kosovo em 1999.

Já como oficial superior desempenhou funções como oficial imediato do NRP *Corte-Real*, assumiu o comando da fragata *Vasco da Gama*, participando na Operação ATALANTA, quando Portugal assumiu pela primeira vez o comando desta operação em 2011.

Foi ainda Comandante da Força Naval Portuguesa e de dezembro de 2020 a março de 2021 comandou a força naval da União Europeia EUNAVFOR Somália – Operação ATALANTA.

Em terra, desempenhou várias funções, das quais se destacam Chefe da Divisão de Comunicações e Sistemas de Informações do Comando Naval, Chefe do Departamento do Treino e Avaliação do Centro Integrado de Treino e Avaliação Naval (CITAN), de que veio a ser Diretor mais tarde, e Comandante da Esquadrilha de Navios de Superfície. No estrangeiro, assumiu funções no *Allied Maritime Command* (MARCOM) por duas vezes, uma delas como Comodoro, assumindo o cargo de *Deputy Chief of Staff for Plans*.

Seguidamente, desde agosto de 2022, exerceu o cargo de 2.º Comandante Naval, acumulando a partir de agosto de 2023 o cargo de Comandante da Flotilha.

De setembro de 2024 a junho de 2026 assumiu o cargo internacional de Representante Militar Nacional junto do NATO *Supreme Headquarters Allied Powers Europe* (SHAPE), Mons, Bélgica.

Desde 1 de julho de 2026 é o Diretor-Geral da Autoridade Marítima e Comandante-Geral da Polícia Marítima.

DIRETOR-GERAL DO INSTITUTO HIDROGRÁFICO

Presidida pelo Almirante Chefe do Estado-Maior da Armada e Autoridade Marítima Nacional (CEMA e AMN), Almirante Jorge Nobre de Sousa, realizou-se no dia 30 de julho, a tomada de posse do Diretor-geral do Instituto Hidrográfico, o CALM David Augusto de Almeida Pereira.

A cerimónia, realizada no Salão Nobre do Instituto Hidrográfico (IH), contou com a presença dos Almirantes responsáveis pelos vários setores da Marinha, bem como de várias entidades civis e militares, e ainda de outros diversos convidados.

No seu discurso de tomada de posse, o CALM Almeida Pereira manifestou o compromisso de trabalhar para que o IH continue a afirmar-se como um pilar do produto operacional da Marinha, um Serviço Hidrográfico Nacional de excelência, uma referência científica credível, um parceiro institucional de confiança e uma escola de rigor, competência e serviço público.

Na sua alocução, o CALM Almeida Pereira expressou ainda perante a guarnição do IH, que assume a responsabilidade de ouvir, aprender e decidir com humildade, rigor e elevado sentido institucional, destacando a coesão, o profissionalismo e a experiência dos militares e civis que compõem esta unidade.

Durante a cerimónia, o Almirante CEMA e AMN condecorou o CALM João Paulo Ramalho Marreiros com a Medalha Militar de Serviços Distintos, grau ouro, tendo na sua alocução enaltecido o trabalho desenvolvido por este oficial, cujo mandato ficou marcado pelo compromisso com o desenvolvimento e a afirmação do IH como uma referência nacional nas áreas da hidrografia, oceanografia e cartografia náutica.



Colaboração do ***INSTITUTO HIDROGRÁFICO***

SÍNTESE CURRICULAR

O CALM David Augusto de Almeida Pereira nasceu em Almada, a 30 de julho de 1967, tendo ingressado na Escola Naval, em 1986 e concluído a Licenciatura em Ciências Militares Navais, em 1991.

Especializado em comunicações, serviu a bordo de diversos navios da Armada, tendo comandado o NRP *Zaire* e o NRP *Bérrio.* Em terra exerceu várias funções das quais se destacam o cargo de Ajudante de Ordens do Almirante CEMA, Instrutor no Centro de Instrução e Táctica Naval, oficial da Divisão de Pessoal e Organização do Estado-Maior da Armada, Conselheiro Militar na Representação Permanente de Portugal junto da União Europeia, Comandante do Corpo de Alunos da Escola Naval e Comandante do Agrupamento de Navios da Escola Naval, Chefe da Repartição de Situações e Efetivos da Direção de Pessoal, Chefe do Gabinete do Superintendente do Pessoal, 2.º Comandante da Escola Naval, Chefe da Divisão de Organização do Estado-Maior da Armada e, já no posto de Comodoro, o cargo de Diretor de Pessoal.

ADVANCED SEARCH AND RESCUE EXERCISE

14.ª EDIÇÃO

COOPERAÇÃO, INOVAÇÃO E TREINO PARA SALVAR VIDAS NO ATLÂNTICO NORTE

Entre 6 e 10 de julho de 2026, a ilha de São Miguel acolheu a 14.ª edição do *Advanced Search and Rescue Exercise* (ASAREX26), o principal exercício avançado de Busca e Salvamento (SAR) realizado em Portugal. Organizado este ano pela Marinha Portuguesa, através do Comando da Zona Marítima dos Açores e do *Maritime Rescue Coordination Centre* de Ponta Delgada (MRCC Delgada), o exercício reuniu entidades nacionais e internacionais num esforço conjunto para reforçar a capacidade de resposta a emergências marítimas e aeronáuticas.

Realizado anualmente de forma alternada entre a Marinha Portuguesa e a Força Aérea Portuguesa, o ASAREX constitui uma oportunidade ímpar para o treino de procedimentos, testar capacidades, partilhar experiências e fortalecer relações institucionais entre organizações que, diariamente, têm a missão de proteger e salvar vidas humanas no mar.

UM EXERCÍCIO DE DIMENSÃO NACIONAL E INTERNACIONAL

O ASAREX26 reuniu 234 participantes, dos quais 141 militares e 93 civis, confirmando a natureza multidisciplinar das operações de busca e salvamento. Participaram 181 elementos nacionais provenientes da Marinha Portuguesa, Força Aérea Portuguesa, Autoridade Marítima Nacional, Comando Operacional dos Açores, Serviço Regional de Proteção Civil e Bombeiros dos Açores, Direção Regional da Saúde, Hospital do Divino Espírito Santo, Portos dos Açores, ANA Aeroportos e NAV Portugal.

A dimensão internacional foi assegurada por 53 participantes estrangeiros, oriundos do Canadá, Espanha, Reino Unido e Mauritânia, bem como por representantes da FRONTEX, EMSA e de diversos Centros de Coordenação de Busca e Salvamento de regiões vizinhas. Esta participação internacional permitiu reforçar a cooperação entre organizações SAR que frequentemente colaboram com o MRCC Delgada em operações reais no Atlântico Norte.

MEIOS AO SERVIÇO DA PRONTIDÃO OPERACIONAL

O exercício integrou um conjunto diversificado de meios navais, aéreos e tecnológicos. No domínio marítimo, destacou-se a participação do NRP *Figueira da Foz*, complementado por embarcações da Autoridade Marítima Nacional e outros meios da estrutura auxiliar do Sistema Nacional de Busca e Salvamento.

Na componente aérea participaram um helicóptero EH-101 *Merlin* da Força Aérea Portuguesa, uma aeronave canadiana CC-295 *Kingfisher*, um helicóptero espanhol *Super Puma* e capacidades UAV do Comando Operacional dos Açores. A integração destes meios proporcionou um ambiente de treino particularmente exigente e próximo das condições reais encontradas em operações de busca e salvamento no Atlântico Norte.

DA PARTILHA DE CONHECIMENTO À AÇÃO

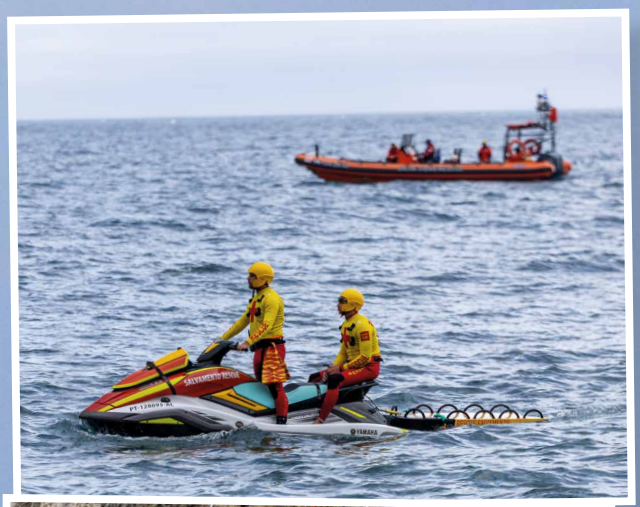
O exercício iniciou-se com SAR *Talks & Meetings*, uma conferência internacional dedicada à partilha de experiências operacionais, apresentação de novas tecnologias aplicáveis ao SAR e discussão dos desafios atuais e futuros enfrentados pelos centros coordenadores e meios operacionais. Esta componente permitiu promover o intercâmbio de conhecimento entre especialistas de diferentes países e organizações.

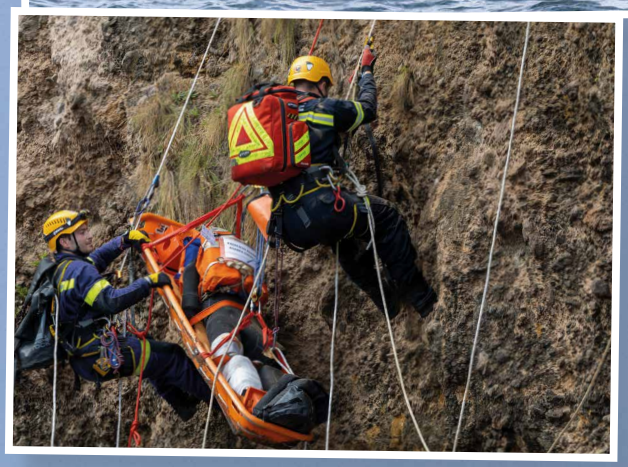




Fotos SCH A Ferreira Dias

A componente operacional decorreu durante a fase LIVEX, entre os dias 7 e 9 de julho, envolvendo uma ampla gama de cenários realistas. Foram treinadas operações de homem ao mar, buscas marítimas e aéreas, procura de embarcações desaparecidas, evacuações médicas, resposta a acidentes de mergulho, resgates costeiros, recuperação de sobreviventes, apoio à população e procedimentos de coordenação entre RCC/MRCC e meios SAR. Particular relevância teve a execução de procedimentos de *On-Scene Coordinator* (OSC) e *Aircraft Coordinator* (ACO), fundamentais para operações complexas envolvendo múltiplos meios.





UM TESTE À RESPOSTA INTEGRADA DOS AÇORES

Entre os momentos mais inovadores do exercício destacou-se o treino e validação da Circular Normativa para Via Verde de Acidente de Mergulho, realizado pela primeira vez em ambiente operacional de exercício. Este cenário permitiu testar os mecanismos de coordenação entre meios marítimos, meios aéreos, equipas de emergência médica, proteção civil e unidades hospitalares, reforçando a resposta integrada a emergências hiperbáricas nos Açores.

A edição de 2026 evidenciou igualmente a importância da articulação entre as entidades nacionais e as entidades regionais açorianas, consolidando procedimentos comuns nas áreas da proteção civil, saúde, emergência médica e autoridade marítima. Esta cooperação revelou-se um dos principais fatores de sucesso do exercício.

O CULMINAR NO *DISTINGUISHED VISITORS DAY*

O exercício terminou com o *Distinguished Visitors Day*, realizado na Praia de Santa Bárbara, Ribeira Grande, onde foram demonstrados três cenários representativos da atividade SAR: um resgate de homem ao mar, uma evacuação médica (MEDEVAC) e uma demonstração de paraquedistas especializados na recuperação de náufragos. A demonstração contou com meios nacionais e internacionais e permitiu apresentar ao público e entidades convidadas as capacidades desenvolvidas ao longo da semana.



RESULTADOS QUE REFORÇAM A SEGURANÇA MARÍTIMA

O balanço final do ASAREX26 foi claramente positivo. O exercício permitiu reforçar a cooperação entre organizações SAR nacionais e internacionais, incrementar a interoperabilidade entre centros coordenadores e meios operacionais, promover a partilha de conhecimentos entre RCC de diferentes países e certificar tripulações de aeronaves nacionais e internacionais. Constituiu igualmente uma oportunidade para validar novos procedimentos e sensibilizar a comunidade para a importância da segurança marítima.

Mais do que um exercício, o ASAREX26 demonstrou que a busca e salvamento é um esforço coletivo que exige preparação contínua, confiança mútua e cooperação internacional. Ao longo de uma semana, centenas de profissionais civis e militares trabalharam lado a lado com um objetivo comum: garantir que, quando surgir uma emergência real, estarão preparados para responder de forma rápida, coordenada e eficaz.

Treinar hoje para salvar vidas amanhã.



Colaboração do
COMANDO DA ZONA MARÍTIMA DOS AÇORES



ESTALEIRO NAVAL JAIME COSTA

3. O BOTE DE FRAGATA *O ALDEANO*: CONSTRUIR UM BARCO COMO ANTIGAMENTE

Durante séculos, os botes de fragata fizeram parte da paisagem quotidiana do estuário do Tejo. Transportaram sal, vinho, produtos agrícolas e mercadorias entre as duas margens, desempenhando um papel fundamental na vida económica das comunidades ribeirinhas. Com o desaparecimento dessa função, contam-se pelos dedos de uma mão as embarcações sobreviventes como memória de um tempo em que o rio era a principal via de comunicação.

Um acontecimento cada vez mais raro, a construção e o *bota-abaixo* de um novo bote de fragata é, pois, um acontecimento a celebrar nas margens do rio. E, foi precisamente o que aconteceu com o *Aldeano*, sonhado e construído de raiz no Estaleiro Jaime Costa, para o Município do Montijo e que a 17 de maio de 2026 ofereceu ao Tejo uma das mais importantes realizações da construção naval tradicional portuguesa dos últimos anos.

Um feito só possível porque em pleno Séc. XXI ainda existe uma equipa que preserva o saber ancestral da construção naval em madeira, gizando e construindo de raiz um barco segundo os métodos tradicionais da carpintaria naval portuguesa, recorrendo aos mesmos princípios, técnicas e saber acumulado que, antes do progresso tecnológico, durante gerações deram forma às embarcações que constituem o nosso património marítimo histórico.

A história deste barco, porém, começou muito antes de a quilha ser assente...

UM PROJETO AMADURECIDO AO LONGO DOS ANOS

A ideia e a vontade de construir um novo bote de fragata para o Montijo não surgiu de um momento para o outro. Foi um sonho que durante anos foi sendo partilhado e amadurecido entre o estaleiro e o município, atravessando diferentes mandatos autárquicos até que a vontade comum se transformou numa obra concreta.

Entre contactos, estudos, o projeto conheceu vários momentos de desenvolvimento até ser finalmente concretizado, numa continuidade que o mestre Jaime considera pouco habitual. "*É inédito. Um presidente mandou fazer o projeto, outro deu seguimento e o último empenhou-se de uma maneira que me deixou muito surpreendido*", recorda.



Fotos Arquivo Estaleiro Jaime Costa









Foi, aliás, essa continuidade que permitiu concretizar um objetivo que ultrapassa a simples construção de uma embarcação. *O Aldeano* representa a recuperação de uma parte significativa da identidade marítima do Montijo, antiga Aldeia Galega, cuja história sempre esteve ligada ao estuário do Tejo e aos seus varinos.

UM BARCO COMEÇA MUITO ANTES DA PRIMEIRA TÁBUA

Definidas as condições contratuais, o estaleiro estava preparado para iniciar de imediato a construção. Mas, grande parte da preparação encontrava-se feita muito antes da assinatura do contrato. Porque, na construção naval tradicional, um barco começa muito antes de entrar no estaleiro. Começa na escolha da madeira.

Por isso, mesmo sem uma encomenda concreta, mas só com a convicção que mais cedo ou mais tarde essa madeira teria um destino; todos os invernos o mestre Jaime Costa continuou a escolher árvores, abatidas na época adequada, serradas, armazenadas e colocadas a secar naturalmente. "*Todos os anos ia cortar madeira. Não sabia para quê, mas ia cortar madeira*", conta, com naturalidade, explicando que esta forma de trabalhar acompanha a família há gerações.

Tal como com a madeira, ao longo de décadas foram sendo cuidadosamente preservadas ferragens, guinchos, âncoras e inúmeros componentes provenientes de embarcações antigas. "*Nunca fui tentado a vender. Guardei sempre, na esperança de fazer mais barcos.*"

Hoje, essa decisão revela toda a sua importância. "*Se não tivéssemos aquela madeira antes, ainda hoje o barco estava para fazer.*" Num tempo em que se torna cada vez mais difícil encontrar em tempo útil madeiras de qualidade com a construção naval tradicional, foi graças à existência desse espólio que foi possível construir o *Aldeano* segundo os processos clássicos e concluir a obra em tempo quase recorde.

DO PROJETO AO CASCO

O projeto base do *Aldeano* foi desenvolvido pelo arquiteto naval David Nunes. Mas, como acontece frequentemente na construção tradicional, o desenho técnico constituiu o ponto de partida do trabalho, mas não o ponto final.

A experiência acumulada pelo mestre carpinteiro ao longo de uma vida inteira dedicada aos barcos do Tejo levou à introdução de vários ajustamentos nas linhas da embarcação, procurando melhorar as proporções e o comportamento do casco, sem alterar a sua identidade. "*Não se trata de contrariar o projeto, mas de o completar com aquilo que apenas a prática permite conhecer: a forma como um casco trabalha na água, como responde ao vento ou como distribui os esforços da estrutura*", diz Jaime Costa. É um conhecimento que dificilmente se encontra nos livros.

O BARCO DESENHADO NO CHÃO

Depois de definidos os ajustamentos, no outono de 2024 iniciou-se um procedimento praticamente desaparecido dos estaleiros modernos: o mestre Jaime Costa desenhou toda

a embarcação diretamente no chão do estaleiro, em tamanho real. "*Desenhei o barco no chão, todas as cavernas e dali saiu tudo para a equipa começar a levantá-lo, peça a peça*", recorda.

Evocando a memória do passado, sobre esse traçado ergueram-se a quilha, o cadaste, as cavernas e todos os elementos estruturais do barco. Foi a partir dessas linhas desenhadas diretamente no pavimento que o *Aldeano* começou verdadeiramente a ganhar forma.

No inverno de 2024 o trabalho avançou rapidamente e o casco tomou forma. "*Nos primeiros três meses fizemos toda a estrutura. Mas essa rapidez só foi possível graças à preparação anterior e ao conhecimento e experiência de toda a equipa*", reconhece Jaime Costa.

CINCO HOMENS, MILHARES DE HORAS

À medida que a estrutura crescia, aumentava igualmente a exigência. Mas, apesar da dimensão, a empreitada foi assegurada por uma equipa muito reduzida, que dedicou toda a sua experiência e mestria para executar todo o trabalho. "*Praticamente, cinco pessoas fizeram este trabalho*", realça mestre Jaime.

Cada peça exigiu ser escolhida, moldada e ajustada individualmente. Não existiam soluções repetidas nem processos industrializados. Cada madeira apresentava características próprias e obrigava a sucessivos ajustamentos.

Por essa razão, muitas das decisões mais importantes eram tomadas já depois de terminada a jornada de trabalho. E, frequentemente, Jaime Costa regressava ao estaleiro durante a noite para confirmar medidas, rever encaixes e antecipar o trabalho do dia seguinte. "*Há muitas noites perdidas. As pessoas não imaginam o que é fazer uma obra daquelas.*" Momentos que dificilmente ficam registados nas fotografias da construção, mas que fazem parte da verdadeira história de qualquer barco.

Foi esse rigor e a dedicação de toda a equipa envolvida que permitiu não só cumprir integralmente o prazo previsto, mas também concluir a obra dentro do orçamento inicialmente acordado, apesar de este ter sido elaborado vários anos antes do início efetivo da construção.







Fotos CFR António Gonçalves

CONSTRUIR SEGUNDO A TRADIÇÃO

Apesar dos recursos atuais disponíveis, a opção foi clara desde o início: o *Aldeano* seria construído respeitando integralmente os métodos tradicionais. As madeiras foram escolhidas segundo critérios antigos, abatidas na estação própria, secas naturalmente e aplicadas de acordo com a função estrutural de cada peça.

O calafetamento foi igualmente executado pelos processos tradicionais, pela mão do mestre calafate Leonel Lopes, que soma 60 anos de experiência de uma especialidade cada vez mais rara.

"*Foi tudo respeitado: a escolha das madeiras, o corte, a secagem, o tratamento e o calafetamento ainda à antiga*", realça o mestre Jaime Costa. O objetivo nunca foi reproduzir apenas aparência de um bote de fragata, mas, sim, construir um verdadeiro bote de fragata, utilizando os mesmos princípios construtivos que caracterizaram durante gerações as embarcações do Tejo.

UM SÍMBOLO DA HISTÓRIA DO MONTIJO

Para Jaime Costa, o significado desta construção ultrapassa naturalmente o desafio técnico. "*Este bote vai trazer a história do Montijo*".

E talvez seja esta a melhor definição do *Aldeano*, que, ao navegar evocará o papel que as fragatas, varinos e botes desempenharam durante séculos na economia e na vida quotidiana das populações ribeirinhas, aproximando novas gerações de uma parte importante da identidade marítima da região.

Porque um barco tradicional nunca é apenas um barco. É um testemunho da relação entre uma comunidade e o rio. É a memória materializada em madeira, construída pelas mãos de quem ainda sabe escolher uma árvore, desenhar um casco no chão e transformar um conjunto de tábuas numa embarcação capaz de voltar a navegar.

Esse conhecimento não resulta apenas dos desenhos ou dos cálculos. É fruto de décadas de experiência acumulada, da escolha criteriosa das madeiras, da capacidade de adaptar cada peça ao conjunto e da compreensão profunda do comportamento da embarcação na água. E, é esse saber que faz do Estaleiro Jaime Costa um caso singular na construção naval portuguesa.

Por isso, quando questionado sobre o futuro, Jaime Costa responde com a serenidade de quem sempre trabalhou a pensar no próximo barco: "*Tenho aqui madeira para fazer outros.*"

Enquanto existirem homens capazes de dizer esta frase, continuará viva uma das mais notáveis tradições da construção naval portuguesa.

Susana Ribeiro
Editora



O ALDEANO

Tipo: Bote de fragata
Data construção: 2024-2026
Intervenção: nova
Comprimento: 16,5 metros
Proprietário: Câmara Municipal do Montijo

Foto CFR António Gonçalves

DIA DO MARINHEIRO

A MARINHA DESEMBARCOU EM GUIMARÃES

Guimarães, a Cidade Berço da nossa nacionalidade, acolheu de braços abertos, como seus e celebrou em harmonia e em ambiente de cooperação, de 25 a 27 de junho, o Dia do Marinheiro, o 3.º Aniversário da Delegação de Fuzileiros do Minho (DFZM) e o 46.º Encontro Nacional de Marinheiros (ENM).

Aquando do 45.º ENM, em Mértola, mais de 30 Associações, Núcleos, Escolas e Clubes de antigos e atuais Marinheiros votaram, por unanimidade, confiar à DFZM a organização do evento em 2026. Com esta premissa e com o apoio da Câmara Municipal de Guimarães, da Marinha Portuguesa e da Irmandade da Penha, foi elaborado um programa que visou aproximar a população de Guimarães à Marinha Portuguesa, à nossa história, à nossa cultura marítima, aos nossos valores imateriais e aos nossos Marinheiros, de hoje e de todos os tempos.

Mas tudo começa num sonho, e assim aconteceu também: *Um menino, minhoto, que nunca havia visto o mar. Só conhecia o ribeiro, por detrás da sua casa. E como esse menino, que sonhava com o mar, os Marinheiros da DFZM, ambicionaram juntar as celebrações do 46.º ENM, ao Dia do Marinheiro e ao 3.º Aniversário da sua Delegação num programa cultural bem refletido e ambicioso.*

O CAMINHO

As celebrações e homenagem à camaradagem, ao serviço público, ao legado histórico, à defesa nacional, à maritimidade e ao mar, de 25 a 27 de junho, em Guimarães, foram o culminar de um caminho que teve início dois anos antes, em Mangualde, no 44.º ENM, onde a ideia começou a germinar ao encontrar o apoio, de princípio, dos camaradas Marinheiros.

Com a seleção, por unanimidade, do projeto de celebração apresentado pela DFZM, no decorrer do 45.º ENM, em Mértola, a 13 de setembro de 2025 foi tempo de acolher a formalização dos apoios e largar pano para a execução. A 13 de dezembro, data em que se celebravam os 24 anos da elevação do Centro Histórico de Guimarães a Património da UNESCO, no espaço do Círculo de Arte e Recreio, foi apresentado publicamente o Programa-Piloto. Esta cerimónia contou com a presença do Presidente da Câmara Municipal de Guimarães, Dr. Ricardo Araújo, do Comandante da Zona Marítima do Norte, à data o CMG Rui Silva Lampreia, em representação do Chefe do Estado-Maior da Armada e Autoridade Marítima Nacional (CEMA e AMN), Almirante Jorge Nobre de Sousa e do Juiz da Irmandade de Nossa Senhora do Carmo da Penha, Senhor Roriz Mendes.



Foto © Sergey Peterman / Shutterstock

Seguiram-se um conjunto de iniciativas de natureza cultural, pedagógica e social voltadas para o envolvimento das instituições, da cidade, da região e das comunidades, sob o tema geral, na Rota para o Dia do Marinheiro, como foram o caso das caminhadas, a preservação da biodiversidade e o concerto do Grupo de Música de Câmara da Banda da Armada, no Santuário da Nossa Senhora do Carmo da Penha. Este percurso teve o seu corolário, no dia 3 de maio, num momento cultural, no espaço da Sociedade Martins Sarmento, onde se realizou a apresentação do livro *O Valente do Norte*, com texto de Pedro Chagas Freitas, escritor Vimaranense e ilustrações do artista plástico Marcelino Benta, camarada Fuzileiro Minhoto, da Póvoa de Varzim. Durante este evento houve a atuação do Coro Polifónico do Clube do Sargento da Armada e a apresentação do Programa Oficial das Comemorações. Estiveram presentes o Presidente da autarquia, Dr. Ricardo Araújo, o representante do CEMA e AMN, CMG FZ Carlos Moreira, também Presidente da Associação de Fuzileiros, o Juiz da Irmandade de Nossa Senhora do Carmo da Penha, Senhor Roriz Mendes e muitas outras entidades e autoridades locais. Numa sala cheia de Vimaranenses, Minhotos e Marinheiros marcou ainda presença a Dra. Cláudia Tavares, a Diretora do Serviço de Pediatria do Hospital de Guimarães, instituição para a qual reverterá parte da receita obtida com a venda da obra.

A obra literária foi apresentada, com a presença da editora Avelina Ferraz (Editora Novembro), pelo Vimaranense, CMG Fuzileiro José Rocha e Abreu que sublinhou que o livro é uma obra bonita e interessante, bem construída, com várias leituras, nem sempre fáceis, pois se baseiam no imaginário de um narrador menino, ainda muito jovem, todavia já muito atento a tudo quanto poderia ser o seu futuro.

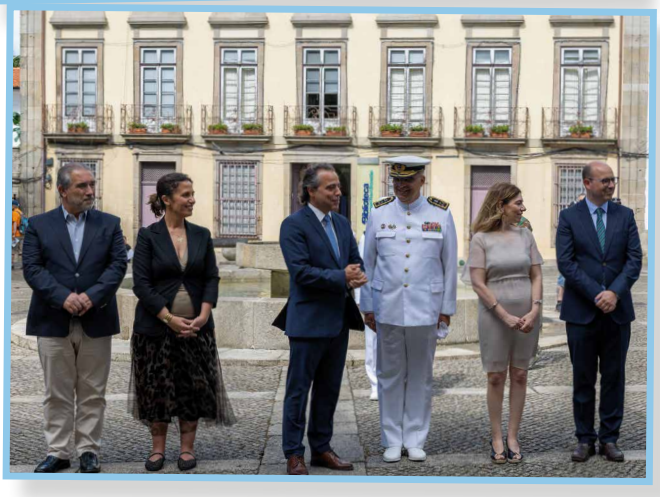
O texto está "escrito numa linguagem poética e conduz-nos pelo sonho de um menino, um jovem do Norte, que não conhece o Mar, uma criança que, como tantas outras no interior do nosso País, nunca então tinha visto o Mar. No entanto sonha com ele, imagina-o a partir das descrições que dele fazem na sua Escola. O seu Tio fala-lhe também do Mar, sítio e luz, mas também perigo e risco, fascinação e quantas vezes tragédia. [...]. Fala-lhe igualmente dos Homens que seguem o seu apelo e o cruzam e daqueles que, como ele nos dizem que a Marinha é outra coisa, querendo dizer, a Marinha é diferente, é parte integrante da Nação desde o período mais remoto da Nacionalidade, continuado nas Descobertas de novos mundos, com os seus homens, os seus fuzileiros e os seus barcos e navios [...]. O sonho cresce e daí a construção do seu barco de papel que ele denomina de *Valente do Norte*, um brinquedo que é afinal a partida para uma viagem e que ele liberta no seu ribeiro, e acompanha até onde pode, naquela navegação imaginária até ao Mar".

Na apresentação do Programa Oficial das Comemorações ficou demonstrado que a organização resultava de uma "organização em rede", onde as instituições previam colaborar para projetar Guimarães como um território de inovação, conhecimento e gratidão aos que serviram o país. As comemorações prometiam, como se veio a verificar, estar alinhadas com o programa da Capital Verde Europeia, reforçando a responsabilidade coletiva na proteção dos recursos naturais e do ciclo da vida, transformar Guimarães num cenário dinâmico com exposições, conferências, momentos musicais e uma imponente presença humana de Marinheiros de todo o país com um impacto direto e positivo na "dinamização da economia local, desde a hotelaria, à restauração e ao turismo", confirmando Guimarães como um destino de excelência para grandes eventos nacionais e internacionais.

DIA DO MARINHEIRO

O início das comemorações teve lugar no dia 25 de junho, dia em que se celebra internacionalmente, o Dia do Marinheiro. A cerimónia do hastear da Bandeira Nacional e das bandeiras da Cidade de Guimarães e da Marinha, nos Paços do Concelho, no antigo Convento de Santa Clara, teve a presença do Presidente da Autarquia e do restante executivo camarário, do Vice-Chefe do Estado-Maior da Armada (VCEMA), VALM Pedro Sousa Costa, em representação do CEMA e AMN e ainda do Juiz da Irmandade da Penha. Antigos Marinheiros ostentavam os Guiões da Associação Nacional de Fuzileiros e das suas Delegações e Núcleos. Uma Secção de militares da Marinha prestou a Guarda de Honra.





Fotos SCH A Ferreira Dias

Nas palavras de boas vindas o Dr. Ricardo Araújo sublinhou que estava grato pelo evento ser celebrado na Cidade-Berço e que Guimarães se sentia honrada por receber a grande família naval.

Antecedendo a inauguração do Monumento aos Marinheiros, o VCEMA foi acompanhado numa visita à cidade conduzida pela Arqueóloga Paula Ramalho, da Divisão do Património e Bens Culturais da Câmara Municipal de Guimarães.

No Parque da Cidade, na Freguesia da Costa, teve lugar o ponto alto, desta efeméride, com a inauguração e as Honras Ordenança, por uma Guarda de Honra da Marinha e do Terno de Clarins da Fanfarra da Armada, numa homenagem perene à Marinha e aos seus Marinheiros de Guimarães e de todo o país. Esta obra confecionada exclusivamente com granitos e mármores portugueses é da autoria de José Castro Silva, marinheiro do fuzil, da escola de 1989.



A obra nasceu da vontade e pela arte de conceção e de talhar a pedra de um conjunto de cidadãos, Marinheiros de Portugal, mas que só foi possível com apoio incondicional e inquestionável do Dr. Ricardo Araújo, Presidente da Autarquia de Guimarães, para ver a luz do dia, respaldado nos representantes autárquicos do concelho, com a determinação e dedicação dos serviços camarários e, o carinho da Marinha que, com o seu apoio declarado, os incentivou a perseguir o sonho de celebrar a maritimidade.

"Uma feliz coincidência, [referiu Fernando Almeida, Presidente da DFZM, na sua intervenção] a de se poder associar a recuperação e a celebração da memória histórica e da relação profunda e multifacetada, da cidade de Guimarães e das suas gentes com o mar, em particular pelas dinâmicas económicas, sociais e culturais que a atividade marítima impôs sobre a cidade, desde a Idade Média, procurando projetá-la no futuro e humildemente reforçar a importância do Mar na História e Cultura de Portugal após aquela afirmação de vontade de tomarmos em nossas mãos os destinos coletivos da Nação, com a celebração do Dia da Cidade, no dia anterior, "data em que ocorreu a primeira tarde portuguesa, o marco fundamental para o início da fundação de Portugal, no ano de 1128." E concluiu "somos um Povo de Soldados e Marinheiros e sempre soubemos conjugar esta dinâmica para nos projetarmos globalmente e cuidarmos do desenvolvimento social e económico das nossas gentes."

O VCEMA destacou o significado duradouro da obra, afirmando que ela ficará como um símbolo permanente da ligação entre Guimarães e o mar constituindo uma homenagem aos Marinheiros Portugueses de todas as gerações e aos valores que continuam a inspirar a Marinha. Expressou, em nome da Marinha e do Almirante CEMA e AMN um profundo agradecimento a todos quantos contribuíram para a concretização desta obra. Aos promotores, aos autores, aos técnicos, às entidades envolvidas e a todos os que, com dedicação e profissionalismo, tornaram possível este resultado. Concluiu afirmando que "estamos perante uma criação de excelência, de elevado significado e importância, que homenageia todos os marinheiros portugueses – os de ontem, os de hoje e os de amanhã – e que perpetua valores que continuam a inspirar a nossa Marinha e o nosso País."

O Presidente da Autarquia sublinhou que o monumento "perpetua a relação dos Vimaranenses e dos Portugueses com o mar e com a Marinha e, por isso, é também profundo no seu alcance e significado [e que] simboliza uma escolha



de memória e de afirmação de valores a que Guimarães se associa [porque] ao inaugurarmos este monumento, celebramos o passado, mas estamos também a dizer aos mais jovens que servir é uma forma elevada de cidadania." O Autarca dirigiu ainda uma sentida palavra de agradecimento à DFZM, destacando a persistência, a dedicação e o empenho de Fernando Almeida e de todos os que contribuíram para transformar esta homenagem em realidade.

Da parte da tarde, a Vereadora da Proteção Civil e Justiça Vânia Dias da Silva, acompanhada pelo VCEMA, presidiu à abertura oficial da exposição que reunia equipamentos, viaturas e meios operacionais da Marinha Portuguesa, proporcionando ao público demonstrações das valências da Esquadra Naval, da Força de Fuzileiros, dos Mergulhadores e da Autoridade Marítima, bem como atividades interativas, simulações e ações de sensibilização dirigidas às escolas, patentes na Alameda de São Dâmaso, no IDEGUI – Instituto de Design de Guimarães e na Montanha da Penha.

No IDEGUI – Instituto de Design de Guimarães a exposição Vasco da Gama, propunha, aos visitantes, uma viagem até ao momento em que Portugal ultrapassou horizontes conhecidos e abriu uma nova ligação entre a Europa e o Oriente.





Mais do que recordar uma viagem marítima que ligou continentes, na cidade onde nasceu Portugal, foi uma oportunidade para se olhar para o passado, um convite a descobrir o impacto de uma ligação que transformou relações comerciais e aproximou culturas, mostrando também como o mar continua a fazer parte daquilo que somos enquanto Povo.

A CONTINUIDADE CULTURAL

A sexta-feira, dia 26 de junho, foi marcada pela Conferência "Da Cidade Berço ao Mar", que teve lugar na Sociedade Martins Sarmento, pela apresentação de cumprimentos de cortesia do Almirante Jorge Nobre de Sousa ao Presidente da Câmara Municipal de Guimarães e ainda pelos concertos do *Grupo Dixieland* da Banda da Armada (BA) e dos *Quarta às 9*.

A Conferência, que contou com a presença da Vereadora Vânia Dias da Silva, foi moderada pelo CMG FZ Carlos Moreira, abordou o futuro profissional na Marinha Portuguesa e a ligação entre Guimarães, Capital Verde Europeia, e o mar. Com o espaço bem composto com alunos da Escola Martins Sarmento, da Escola Profissional Profitecla e da Escola Secundária Francisco de Holanda, foi promovido um momento de reflexão e partilha em torno daqueles dois temas que foram apresentados, respetivamente pelo CTEN Neves Dias, da Divisão de Planeamento do Estado-Maior da Armada, área de Comunicação Estratégica da Marinha e por Isabel Loureiro, da *Guimarães 26 – Capital Verde Europeia*, Coordenadora geral da estrutura de missão Guimarães 2030, membro da direção da *Guimarães 26 Capital Verde Europeia* e Co-presidente da comissão científica, especialista da União Europeia para as Alterações Climáticas e docente convidada da Universidade do Minho na área de Engenharia Industrial e de Sistemas.

No debate que se seguiu foram partilhadas experiências e sonhos de vida onde se identificou que ser marinheiro é aceitar partir quando a missão o exige. É enfrentar o mar nas suas diferentes condições, permanecer dias ou meses longe da família e adaptar-se a uma realidade onde nem sempre existem horários, conforto ou previsibilidade. É aprender a viver com a saudade, com a responsabilidade e com a consciência de que cada decisão pode fazer a diferença. É também uma profissão onde o espírito de equipa ganha um significado muito particular e onde a valorização pessoal é uma marca de futuro. No mar, a confiança nos outros não é apenas importante, é indispensável. Criam-se laços fortes, feitos de entreajuda, respeito e compromisso com uma missão comum e os desafios que as nossas comunidades enfrentam com as alterações climáticas precisam desses valores para terem resiliência e o sentido de responsabilidade coletiva.

Ao fim do dia e noite dentro, com a presença do CEMA e AMN, acompanhado pelo Vereador responsável pelo Centro Histórico, Arquiteto Constantino Veiga, o *Grupo Dixieland* trouxe ao centro histórico um concerto marcado pela proximidade com o público, imbuído pela cultura e espírito marinheiro. Já o *Quarta às 9* trouxe temas da memória coletiva e encerrou a acompanhar os Fuzileiros presentes a entoarem o Hino do Fuzileiro, numa noite memorável, onde a música voltou a ser um elo entre diferentes gerações em torno de um repertório cheio de vida e maritimidade.

46.º ENCONTRO NACIONAL DE MARINHEIROS

Chegado o grande dia, mais de 600 antigos e atuais marinheiros, seus familiares e amigos, afetos a mais de 30

Associações, Núcleos, Escolas e Clubes, convergiram na Montanha da Penha para se dar início às cerimónias que estiveram na origem destas celebrações.

Presidida por Sua Excelência Reverendíssima D. Sérgio Dinis, Bispo do Ordinariato Castrense teve lugar, no período da manhã, uma missa no Santuário de Nossa Senhora do Carmo da Penha e ao fim do dia, perante numerosa assistência, a Banda da Armada atuou com o brilhantismo de sempre, proporcionando um belo e diversificado Concerto.

A Penha, património natural, possui condições óptimas para a reflexão, onde o silêncio se ouve, as pedras falam e as fontes murmuram, foi o local onde um conjunto de Fuzileiros, irmanados pelos valores da camaradagem, da entreajuda e do serviço público decidiram em 2023 constituir a DFZM. A mesma Penha, acolheu, pela mão do Juiz da Irmandade local, a edificação do Memorial aos Fuzileiros Minhotos. No ano seguinte, inaugurou-se, com o apoio da mesma Irmandade, a Sede Social da DFZM.

A Penha de onde se pode ver o mar, lembra-nos que Portugal nasceu aqui. E nasceu voltado para o mar, com esse olhar que como diz Miguel Torga, traduz a nossa condição atlântica: "Portugal é o rosto com que a Europa fita o Atlântico."

CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA

Com a presença do CEMA e AMN acompanhado pelo Vereador, Arquiteto Constantino Veiga e pelo Juiz da Irmandade da Penha, o Santuário da Penha de Nossa Senhora do Carmo, Padroeira dos que atravessam as águas, encheu-se de maresia e de antigos combatentes.

Na celebração litúrgica Sua Excelência Reverendíssima D. Sérgio Dinis, Bispo do Ordinariato Castrense de Portugal acompanhado pelo Reitor do Santuário, Padre Carlos Sousa, e pelos Capelães Diamantino Teixeira (Vigário-geral do Ordinariato Castrense e Capelão Adjunto para a Marinha) e Alexander Baccarini Pinto (Capelão da Base Naval de Lisboa e da Escola de Tecnologias Navais), fez uma leitura direta da realidade castrense, evocando "o companheiro que regressa diferente de uma missão", "o camarada que sorri no quartel, mas se desfaz em casa" e "o veterano que traz consigo feridas que o fardamento cobre, mas o coração não consegue esconder".

Num tom de reconhecimento da dor, mas também de apelo à camaradagem, afirmou: "O verdadeiro herói do mar não é o que nunca sente a tempestade. É aquele que sabe reconhecer a tempestade no coração do outro e não passa ao largo." Concluindo com um pedido de intercessão de Nossa Senhora do Carmo para que todos recebessem "o olhar do centurião [que "Não pede para si. Pede por aquele que não tem voz" e é], capaz de ver o que está caído, e a sua fé, capaz de confiar numa única palavra".

No final da celebração seguiu-se um momento de troca de lembranças entre o Juiz da Irmandade e o CEMA e AMN e a assinatura do respetivo Livro de Honra.





Foto STEN TN (COM) Mariana Nobre



HOMENAGEM AOS FUZILEIROS DO MINHO

Após a missa solene, o CEMA e AMN depôs uma coroa de flores no Memorial edificado na Montanha da Penha e descerrou uma placa de homenagem aos Marinheiros de Portugal, que em terra e no mar serviram a Marinha Portuguesa. O descerramento desta placa foi alusivo à presença do CEMA e AMN nestas comemorações por ocasião do 3.º Aniversário da DFZM e do 46.º ENM.

ALMOÇO/CONVÍVIO

O Multiusos de Guimarães encheu-se de antigos e atuais Marinheiros. Era hora de acariciar o estômago pelas mãos dos cozinheiros do *Dan José*. E assim foi, libertaram-se as palavras, as lembranças, a exteriorização d'*o orgulho de quem sabe ser Marinheiro e Soldado na terra que jurámos querer defender*, como canta o Hino do Fuzileiro.

O Presidente da DFZM, Fernando Almeida, na sua intervenção, sublinhou que o evento exaltava também os valores imateriais de um Povo de Soldados e Marinheiros que sempre soube conjugar esta dinâmica de se projetar no futuro, reforçando e tirando partido da relevância do Mar no desenvolvimento económico e social de Portugal e das nossas gentes. Concluindo com um agradecimento ao apoio determinante dos representantes das Associações, Núcleos, Escolas e Clubes de antigos e atuais Marinheiros, que a DFZM recebeu nos dois encontros nacionais: Mangualde e Mértola e estendeu-os, naturalmente, à Autarquia de Guimarães e às suas Freguesias, à Marinha Portuguesa e à Irmandade da Penha, entidades sem as quais não seria possível edificar as celebrações.

O Presidente da Associação de Fuzileiros, Carlos Moreira, aproveitou a oportunidade para agradecer publicamente o apoio que a DFZM, nos últimos três anos e em particular na edificação destas celebrações que também envolvem o seu 3.º Aniversário, tem recebido da Marinha, da Irmandade da Penha e da Autarquia de Guimarães e também aos sócios afetos à DFZM, porque têm sido um exemplo inspirador, parafraseando uma afirmação de Barack Obama: *cada um de nós deve fazer a sua parte, trabalhar o mais dedicados que podemos ser, o mais responsáveis que soubermos, mas que no fim, há coisas que nós não vamos conseguir fazer sozinhos. Que há algumas coisas que só conseguimos fazer em conjunto.*

O CEMA e AMN, no uso da palavra, agradeceu o honroso convite para estar presente e saudou todos aqueles que, através do seu empenho e dedicação, tornaram possível a realização desta iniciativa que, ano após ano, continua a fortalecer os laços que unem gerações de Marinheiros Portugueses. Aproveitou para sublinhar que "Guimarães nos lembra as origens de Portugal, a determinação, coragem e sentido de missão que moldaram os alicerces da nossa independência. Este encontro recorda-nos as nossas próprias origens enquanto Marinheiros, que serviram na Briosa, uma instituição assente em valores sólidos e permanentes, onde se destacam os da integridade e da disciplina como maiores e inegociáveis." [Estas duas lembranças] "nos ensinam que as instituições perduram quando preservam os seus valores fundamentais e as suas gerações mantêm vivos os laços que as unem. Ao olhar para esta assembleia de marinheiros de várias gerações, sinto um profundo orgulho. Orgulho na Marinha que fomos. Orgulho na Marinha que somos. E confiança na Marinha que continuaremos a construir para o futuro.".

Na sua intervenção pública o Presidente da Autarquia de Guimarães reafirmou que "Ao longo destes dias, empenhámo-nos, conjuntamente com a DFZM e com todos os nossos parceiros envolvidos, em realizar em Guimarães as melhores celebrações de sempre do Dia do Marinheiro", porque, se "Guimarães não tem mar à porta, [...] tem-no perto e tem-no sobretudo no coração de muitos que também serviram a Marinha Portuguesa" e na sua história Guimarães tem uma relação profunda com tudo aquilo que funda e sustenta a nossa nação, designadamente "a coragem de servir, a consciência do dever, a fidelidade a uma ideia de Portugal maior do que cada um de nós".

Apontou ainda o rigor e o orgulho colocados no programa, dirigindo um agradecimento à DFZM, e em particular a

Fernando Almeida, pelo empenho na organização da iniciativa "O vosso trabalho merece o nosso elogio, porque trouxeram estas comemorações a Guimarães com muita persistência, com muito entusiasmo e com uma entrega que honra Guimarães e seguramente também honra a Marinha", concluiu, expressando o desejo de que os visitantes guardem a memória de uma cidade de braços abertos e classificando a presença do CEMA e AMN, Almirante Jorge Manuel Nobre de Sousa, como uma "distinção institucional que muito nos honra e sensibiliza".

A concluir o convívio foi selecionada a proposta de realização do 47.º ENM no Algarve que será uma organização liderada pelos "Filhos da Escola" do Clube Escolamizade, em conjunto com a Delegação de Fuzileiros do Algarve (DFZA).

CONCERTO DA BANDA DA ARMADA

O encerramento das comemorações aliou excelência artística, tradição e simbolismo institucional com um concerto da BA, dirigido pelo maestro Délio Gonçalves, no Largo do Santuário da Penha, ao pôr-do-sol e a participação especial da soprano Madalena Tomé. Estiveram presentes o Ministro da Defesa Nacional, Dr. Nuno Melo, o Presidente da Câmara Municipal de Guimarães, o CEMA e AMN, o Juiz da Irmandade da Penha e muitos Marinheiros e Vimaranenses.

A BA presenteou todos com um memorável concerto onde, a concluir, tocou o Hino do Fuzileiro que foi cantado pelos presentes, seguindo-se o Hino de Guimarães e a Marcha dos Marinheiros.

Foi um momento de grande significado, marcado pelo espírito de serviço, tradição e dedicação a Portugal, como referiu Madalena Tomé, encerrando com chave de ouro um programa que, pela primeira vez, levou a Guimarães as comemorações nacionais dedicadas aos Marinheiros Portugueses, marcadas por vários momentos de homenagem, proximidade e valorização da cultura marítima, reforçando os laços entre a Marinha Portuguesa e a comunidade vimaranense.





NOTAS FINAIS

Nada do que aqui se descreve, teria acontecido sem o apoio decisivo da Câmara Municipal de Guimarães, do seu executivo camarário, dos seus departamentos e serviços e da Polícia Municipal, das suas mais de cinquenta Juntas e Uniões de Freguesia, da Sociedade Martins Sarmento, do Multiusos de Guimarães, da Irmandade da Penha, do Restaurante *Dan José*, da Casa Piedade, do IDEGUI – Instituto de Design de Guimarães, do Laboratório da Paisagem e da Guimarães 26 – Capital Verde Europeia, da Marinha Portuguesa, dos seus militares, militarizados e civis, das mais de 30 deputações de Associações, Núcleos, Escolas e Clubes de antigos e atuais Marinheiros de hoje e de sempre que continuam a ser os embaixadores dos valores da Defesa Nacional e da Marinha e da forte adesão dos vimaranenses que contribuíram para a afirmar como um território de acolhimento, memória e reconhecimento.

Um exemplo concreto que a congregação de esforços, uma cultura de entreajuda, de cooperação e criação de sinergias, como nós "Os que somos da Marinha" bem sabemos:

> *Sempre que conseguiu avançar foi porque soube unir esforços, colocar o interesse comum acima das divergências e agir com visão de longo prazo.*

Como recentemente afirmou, aquando da sua tomada de posse, o Presidente da República, António José Seguro, referindo-se a Portugal.

Foram três dias de celebração, dezenas de momentos de encontro de uma comunidade unida pela memória, pelo serviço e pela camaradagem ao longo dos últimos seis meses. Das cerimónias evocativas aos momentos de convívio, passando pelos concertos, atividades de promoção da biodiversidade, da conservação da natureza e de cultura, estas celebrações reafirmaram a importância de preservar histórias de dedicação ao país e de valorizar os laços que continuam a unir gerações e em particular a nossa ligação ao mar, pensados e organizados por vimaranenses e minhotos para celebrar o Mar e Portugal, ligados pelo espírito de serviço público, de camaradagem e de solidariedade que exaltam em cada ação que realizam.

E venha mar que somos Marinha!

> *Aqueles que têm o privilégio de passar noites infernais sob tormentas, sem um queixume [aquele que em algum momento] se descobriu a si próprio em momentos de perigo, [e a partir daí] cessou para sempre de duvidar de si.*

Como nos lembra o Marinheiro Sarmento Rodrigues, por nome, transmontano dos quatro costados, de Freixo de Espada à Cinta, referindo-se ao seu *Lima*, aquele Contratorpedeiro que mais náufragos socorreu, ao largo dos Açores, por alturas da Segunda Guerra Mundial, tratando-o por *O Nosso Navio.*

Carlos Moreira
CMG FZ REF

MONUMENTO AOS MARINHEIROS

Situado no Parque da Cidade, o Monumento aos Marinheiros, da autoria de José Castro Silva, foi inaugurado e integrado nas comemorações do Dia do Marinheiro, a 25 de junho de 2026, data instituída pela Organização Marítima Internacional (IMO), na sua conferência em Manila, em 2010, para reconhecer a contribuição vital dos marinheiros para a economia e sociedade mundial, homenageando a Marinha e os seus Marinheiros de Guimarães e de todo o país.

Nas palavras do VCEMA, VALM Pedro Sousa Costa, não se tratou "apenas de assinalar uma data – [mas] de criar algo que perdura. Esta é uma obra perene, que permanecerá no tempo como testemunho vivo da ligação entre esta cidade e o mar. Uma marca que hoje deixamos em Guimarães, aberta ao olhar das gerações futuras, como sinal de memória, identidade e reconhecimento.

Este monumento afirma-se pela riqueza do seu significado, materializada num conjunto escultórico que integra duas obras profundamente complementares.

A peça principal, inspirada no emblemático Navio-Escola *Sagres*, transporta-nos para o universo simbólico da Marinha Portuguesa e da tradição marítima nacional. Concebida em pedra natural, esta escultura conjuga monumentalidade, dinamismo e intemporalidade, evocando as velas ao vento e a capacidade de partir, de descobrir e de regressar.

A seu lado, a escultura do Marinheiro introduz a dimensão humana que completa esta narrativa. Representado com firmeza e contemplação, acompanhado pela âncora, ou ferro como nós os da Marinha preferimos dizer, e pela roda do leme, este Marinheiro simboliza todos aqueles que fizeram do mar o seu caminho – homens de coragem, disciplina, dedicação e sentido de missão.



O diálogo entre estas duas peças traduz um conceito claro e poderoso: o navio e o homem, a missão e o serviço, a história e a continuidade. É uma composição que, para além da sua dimensão artística, reforça a memória coletiva portuguesa e a profunda ligação de Portugal ao mar.

Este conjunto insere-se ainda num enquadramento cultural e paisagístico cuidadosamente pensado, contribuindo para valorizar este espaço público onde nos encontramos e para afirmar este local como um ponto distintivo da cidade. O impacto visual e urbano da obra permite criar um novo marco identitário, reforçando a atratividade cultural e turística de Guimarães.

Importa também sublinhar a importância dos materiais utilizados – a pedra natural portuguesa, nomeadamente o mármore e o granito, salientando o granito azul Gonça da região – que confere à obra robustez, durabilidade e autenticidade. Mais do que matéria, é uma expressão do território, da tradição e da excelência de um saber-fazer que aqui se afirma. Não é, por isso, indiferente que a concepção e execução tenham sido asseguradas por uma empresa de excelência da região, valorizando o talento local e a qualidade da arte escultórica portuguesa."

GUERRA NO PACÍFICO

RAYMOND A. SPRUANCE

Na galeria dos grandes comandantes da Segunda Guerra Mundial, poucos nomes surgem com o brilho mediático de William F. Halsey Jr.. E, no entanto, foi frequentemente sob a direção de **Raymond Agnes Spruance** que se decidiram alguns dos momentos mais críticos da guerra no Pacífico. A sua liderança, marcada pela sobriedade, pelo rigor intelectual e por uma rara capacidade de decisão sob incerteza, faz dele um dos estrategas mais consistentes do Séc. XX.

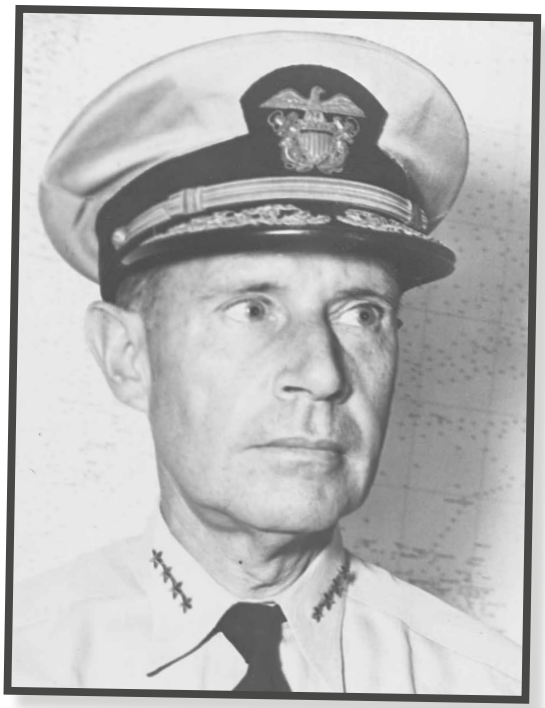
Formado em Annapolis e posteriormente no *Naval War College*, Spruance integrou a geração de oficiais que moldaria o esforço naval americano durante a Segunda Guerra Mundial. Ao lado de figuras como Ernest King e Chester W. Nimitz, ou William Halsey, partilhava uma formação assente no chamado *Sound Military Decision*: um método analítico rigoroso que privilegiava a avaliação sistemática de riscos, possibilidades e consequências estratégicas.

Foi, porém, na guerra que o seu caráter se revelou plenamente. Na decisiva Batalha de Midway, Spruance assumiu o comando tático da força naval americana num momento de extrema incerteza. Após a destruição da força aeronaval japonesa, tomou a decisão de se afastar para leste durante a noite, evitando um eventual combate noturno, domínio em que o inimigo detinha vantagem. Para alguns, tratou-se de prudência excessiva, para outros, foi lucidez estratégica. A história acabaria por lhe dar razão pois preservou a capacidade aeronaval para iniciar a ofensiva americana no Pacífico em condições favoráveis.

Dois anos mais tarde, na Batalha do Mar das Filipinas, a polémica regressou. Confrontado com a aproximação de uma poderosa esquadra japonesa, Spruance recusou lançar uma perseguição agressiva, preferindo proteger as forças anfíbias nas operações de desembarque na campanha das ilhas Marianas. A decisão foi duramente criticada, sobretudo pelos "Brown Shoes", que defendiam o princípio da ofensiva aérea em vez da defesa mais conservadora. Mas o resultado estratégico foi inequívoco: o Japão perdeu a sua aviação naval experiente, um golpe do qual nunca recuperaria.

Este episódio expôs uma divisão interna na Marinha americana entre os chamados "Black Shoes", ligados à tradição dos couraçados, e os "Brown Shoes", defensores da aviação naval. Spruance, frequentemente visto como um homem do primeiro grupo, demonstrou, no entanto, compreender profundamente a natureza da guerra moderna: não se tratava apenas de destruir o inimigo, mas de preservar a capacidade própria e garantir o sucesso da campanha na sua globalidade.

A sua relação com Nimitz foi central neste processo. Mais do que um colaborador dedicado, Spruance tornou-se um intérprete fiel do conceito de "risco calculado". Nimitz confiava-lhe missões críticas porque reconhecia nele uma qualidade rara: a capacidade de agir sem precipitação, equilibrando audácia e contenção. Curiosamente, esta mesma discrição terá contribuído para que o seu nome não recebesse o mesmo reconhecimento público que outros seus contemporâneos. Enquanto Halsey, por exemplo, se tornava uma figura popular, Spruance permanecia na sombra, concentrado no essencial. Nunca foi promovido a *Fleet Admiral,* distinção que muitos consideram teria sido merecida.



Navy photo 80-G-225341 from the U.S. Navy Naval History and Heritage Command

Fotografia informal de retrato do Almirante Raymond A. Spruance, Comandante da Força do Pacífico Central, Esquadra do Pacífico dos EUA, tirada em 23 de abril de 1944.

Talvez a melhor chave para compreender Raymond Spruance esteja numa observação irónica que ele próprio terá escrito pouco antes de morrer. Refletindo sobre a própria vida, afirmou que o seu sucesso se devia sobretudo ao facto de saber julgar homens, ser preguiçoso e nunca fazer pessoalmente aquilo que podia delegar em alguém competente. A frase contém, em tom quase humorístico, toda uma filosofia de comando: liderança não como exibição de força individual, mas como inteligência organizadora, confiança nos subordinados e capacidade de preservar a lucidez no meio do caos.

Num século frequentemente fascinado pelo espetáculo da força e pela teatralidade do poder, Raymond A. Spruance permanece como um exemplo raro de autoridade sem vaidade, coragem sem imprudência e inteligência sem ostentação. As suas vitórias recordam-nos que, na guerra, as decisões mais importantes não devem nascer do impulso, mas da serenidade de quem compreende profundamente os limites, os riscos e o verdadeiro significado da responsabilidade.

Piedade Vaz
CFR REF

O PALÁCIO NACIONAL DE MAFRA

A AFIRMAÇÃO ARQUITECTÓNICA E ESTRATÉGICA DE UM PODER ABSOLUTO

Todo o magistral complexo arquitectónico de Mafra, ladeado na sumptuosa fachada pelos dois majestáticos Torreões, que se estende por um muito amplo *espaço-cidadela*[1], e cuja centralidade do elegantíssimo zimbório da Basílica lhe concede uma magnitude coreográfica imperial, constitui um dos mais impressionantes e monumentais exemplares do barroco europeu, sendo, certamente, o mais importante edificado barroco Português, tendo a sua construção sido enquadrada numa veemente linha política de recuperação do prestígio e da credibilidade *reputacional* da Nação, fortemente diminuídos no século anterior o qual tinha deixado marcas negativas muito significativas a nível político-diplomático[2] e económico.

No quadro do absolutismo régio de D. João V[3], então sustentado na prosperidade económica que os inícios do Séc. XVIII trouxeram[4] à Nação, o Rei impulsionou uma intensa e precisa actividade diplomática, em especial com os grandes centros do Poder como o Vaticano, tendo todo esse período correspondido a um fortíssimo investimento em edifícios religiosos e, paralelamente, a um esforço de liquidação da enorme dívida pública que o País tinha acumulado nos Reinados anteriores. Em 1711, D. João V prometeu construir um pequeno convento[5] caso tivesse descendência, o que se veio a confirmar a 4 de Dezembro desse mesmo ano, com o nascimento da princesa Maria Bárbara, a qual viria a ser Rainha Consorte de Espanha[6]. Mas terá sido em 1714, com o nascimento do príncipe herdeiro do trono, D. José, que, segundo alguns autores[7], o monarca efectivamente mandou o Arquitecto alemão[8] *Johann Friedrich Ludwig*[9] desenhar o projecto de Mafra, tendo-se as obras iniciado, de forma faustosa e solene, na colocação da primeira pedra a 17 de Novembro de 1717.

Todo o complexo de Mafra envolve cerca de 1200 hectares de matas e Tapada[10], uma Basílica, um Palácio Real, um Convento, uma Biblioteca e enfermarias[11], tendo como características únicas no mundo o seu famoso conjunto de dois carrilhões[12] monumentais com 119 sinos[13], e os 6 magníficos órgãos no interior da Basílica, cuja colocação foi pensada, arquitectonicamente, para serem tocados em simultâneo e obter um determinado efeito musical no templo. Todo o edificado inclui 1200 divisões, 156 escadarias, 29 pátios interiores e mais de 4700 portas e janelas, uma das mais belas Bibliotecas do mundo com mais de 37.000 volumes[14], e o maior acervo de estatuaria barroca italiana existente fora de Itália, o que torna o conjunto de Mafra um impressionante núcleo cultural e museológico de perfil único no mundo.

O Palácio-convento de Mafra, que foi um centro de cultura e de ciência[15], de hospitalidade, e que integrou uma Escola de Risco[16] e uma Escola de Artes e de Escultura, pela sua superlativa dimensão e pela fascinante exuberância dos seus inúmeros tesouros artísticos, literários e cultu-



Foto © VALUA VITALY/ Shutterstock

rais, está classificado como Património Cultural Mundial da UNESCO, assim definido desde 7 de Junho de 2019, e, pelo que representa no panorama cultural nacional e europeu, decidimos dedicar-lhe este breve artigo.

O processo construtivo envolveu a participação de cerca de 52.000 trabalhadores[17], a maior parte deles compulsivamente transferidos e forçados a abandonar as suas casas para trabalhar nas obras de Mafra[18], ficando a habitar uma pequena cidadela conhecida como a *ilha da madeira*[19], e muitos deles tendo trazido família acabando mesmo por ficar, depois, sedeados na região. Foram empenhados cerca de 7000 soldados para que fosse assegurada a ordem e a segurança na zona, mas, sobretudo, para evitar que se verificassem deserções e fugas de trabalhadores. Há dados comumente aceites que nos referem que terão morrido cerca de 1383 trabalhadores durante as obras, bem como milhares de feridos, o que é uma realidade absolutamente trágica e bem indiciadora da dimensão dos trabalhos e as dificílimas e muitas vezes desumanas condições com que os trabalhadores então se viam confrontados. As obras prosseguiram, ainda, até 1755, sendo que, depois dessa data, e devido à extrema necessidade de mão-de-obra para o processo de reconstrução no pós-Terramoto, a quase totalidade dos recursos disponíveis foi direccionada por Pombal sobretudo para Lisboa.

O Palácio Real, que o *Magnânimo*[20] mandou erigir no monumental conjunto, como simbologia do seu ideário e poder absoluto, foi construído sobretudo no andar nobre e em ligação linear aos dois Torreões Norte e Sul – nos quais mandou instalar os seus aposentos e os da Rainha – pelo maior corredor no género em toda a Europa (232 metros), inclui salas de referência como a exuberante Galeria da Bênção[21], a Sala do Trono, o grande Salão, a Sala dos Vedores (ou das Descobertas), a Sala do Corpo da Guarda do Rei, a Sala de D. João V, a Sala dos Camaristas, a Sala do Brasil, a Sala de D. Pedro V e a ampla Sala dos Troféus de Caça, entre várias dezenas de outras. Em muitas delas, figuram os extraordinários frescos (nos tectos) de Cirilo Volkmar Machado[22] alusivos a temas míticos e à simbologia Real, bem como, na Sala de Audiências, 8 frescos do ilustre Domingos Sequeira. O Torreão Sul[23] tem, num dos aposentos Reais, várias obras de grande dimensão encomendadas, em 1730, para a Basílica e para o Convento[24], designadamente de Vieira Lusitano, Agostino Massucci, Corrado Giaquinto, Francesco Mancini e Steffano Pozzi.

De entre a multiplicidade de matérias com acrescido interesse histórico e cultural que o Palácio-convento obviamente suscita, debruçar-nos-emos, em especial, ainda que com brevidade, sobre a Basílica e a Biblioteca, dois dos tesouros arquitectónicos e culturais de Mafra.

A BASÍLICA

A centralidade cenográfica da Basílica, que se ergue em plano verticalizado entre as duas altas Torres sineiras, e cuja proeminência da fachada é acentuada por uma ampla escadaria frontal de aparato, é um templo barroco de riquíssimo recorte artístico. A famosa Galilé, um espaço de transição, com 3 portais de entrada, com o central de maior dimensão com baixos relevos escultóricos do Ilustre Carlo Monaldi, de 1731, integra 14 estátuas monumentais[25] de mármore, que representam figuras ligadas à edificação de ordens religiosas, padroeiros e protectores, e com as paredes profusamente decoradas com colunas de lioz[26] e mármore de Carrara.

A Basílica forma-se em cruz latina, tendo cerca de 58,5 metros de comprimentos até à Capela-Mor, constituindo-se por uma nave central e duas naves laterais mais baixas, sendo a sua decoração fortemente marcada por mármores policromes[27], tendo, em vários níveis, cerca de 181 janelas de dimensões várias, num padrão que dissemina, e acentua – no que se pode considerar quase uma transição para o neoclássico – a luminosidade no templo induzindo um forte efeito visual nos extensíssimos panos de mármore, o que não se verifica noutras igrejas barrocas onde predominavam os frescos. A abóboda de berço, sobre a nave central, é emoldurada por uma configuração geométrica que sublinha, num deslumbrante conjunto cromático absolutamente excepcional, os padrões do chão. Na Capela-Mor, podem ver-se as famosas esculturas de Giusti, sendo que, ao longo das naves e nas 6 Capelas laterais, intercomunicantes, podem admirar-se retábulos de cantaria, que são quase todas obras da Escola de Escultura fundada em 1753 e dirigida precisamente por Alessandro Giusti[28]. Na Basílica existe uma admirável galeria de relevantíssima escultura italiana de Setecentos, incluindo obras do mestre romano Monaldi e de Corsini, e designadamente de escultores florentinos como Foggini, Montauti e Giovanni Baratta, entre outros.

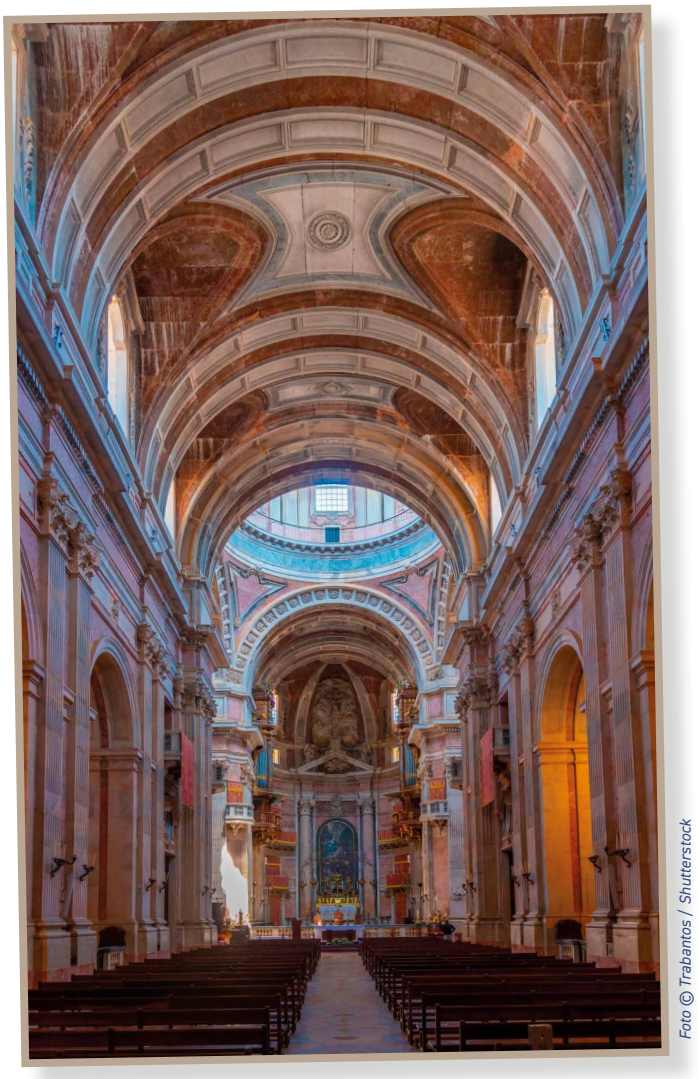


Foto © Trabantos / Shutterstock

Os órgãos históricos, que em conjunto têm cerca de 2 mil tubos, constituem um dos tesouros monumentais da Basílica, foram instalados a 4 de Outubro de 1807 – ano em que foram escritas e efectivamente tocadas várias composições nos 6 órgãos em simultâneo –, e são um conjunto absolutamente ímpar no mundo, sendo que, tendo sido concebidos para tocar em conjunto, ocupam tribunas estudadas com precisão para que a sua disposição permita um efeito musical em toda a amplitude da cruz latina da Basílica. Neles trabalharam os mestres organistas António Peres Fontanes e Xavier Machado e Cerveira, que já tinham deixado obra marcante noutras catedrais. Posteriormente, muito devido à saída da Corte para o Brasil logo no final daquele ano (e início de 1808), atravessou-se um longo período de falta de manutenção destas peças históricas.

No magnífico zimbório, a cúpula hemisférica de 65 metros de altura[29], edificada ao centro, foi a maior construída em Portugal até então[30]. A aparência da cúpula e o formato das Torres sineiras terão tido, via a experiência anterior de Friedrich Ludwig, influência e inspiração na Igreja barroca romana (1652-1672) de *Sant´Agnese in Agone*. Na magnífica inauguração da Basílica, como se referiu a 22 de Outubro de 1730, foram tocadas várias músicas[31], cuja execução esteve a cargo da Capela Real e por mestres cravistas famosos como Domenico Scarlatti e também músicos ilustres como Giovanni Giorgi, e, ainda, compositores Portugueses como Rodrigues Esteves e Francisco António de Almeida.

A BIBLIOTECA, OU *CASA DA LIVRARIA*

Com uma área total de 1000 m^2, é uma das maiores Bibliotecas do Séc. XVIII – e seguramente ainda hoje das mais extraordinárias do mundo – e destinava-se a servir a Corte, as Escolas e o Convento. O seu acervo[32] inclui mais de 37.000 obras que, na abrangência que têm, são a simbologia da cultura iluminista de Setecentos, combinando desde temas religiosos às áreas científicas, às ciências sociais, à dramatologia e às artes, desde a Medicina ao Direito até à Filosofia, Arquitectura, Geografia e Literatura incluindo uma vasta colecção de partituras musicais de autores famosos[33]. As suas excepcionais estantes, em estilo rococó[34], foram desenhadas pelo Arquitecto Caetano de Sousa, nunca tendo sido terminadas, faltando os acabamentos a talha dourada, frescos (dos principais escritores) e o *capeamento* final de alguns trechos dando as aparências, ou *fingidos*, de mármore, sendo que o extraordinário pavimento da Biblioteca, algo similar ao da Basílica, inclui padrões de mármore de várias tonalidades, num conjunto cenográfico geral absolutamente único.

Uma Bula do Papa Bento XIV, de 1754, autorizava, através da concessão de um estatuto excepcional, a conservação na Biblioteca[35] de livros proibidos pela Igreja Católica, proibindo, contudo, o seu acesso e empréstimo a pessoas que não estivessem para tal autorizadas. De entre vários que se poderiam mencionar, encontra-se a compilação (13 livros) da *Occulta Philosophia* de Cornelius Agrippa, bem como o *Corpus Hemeticus*, de 1574, de Fox-Condale, bem como o volume de Jean Bodin de 1587, o Manual sobre exorcismo de Brognoli, de Veneza, de 1668, e ainda a obra *Directorium Inquisitorium* do Inquisidor geral de Aragão, Nicolau Eimeric, de 1578, sobre processos e técnicas de interrogatório.

De entre as muitas obras raras, e únicas, que se podem encontrar na Biblioteca[36] está uma primeira edição (notoriamente censurada em muitos trechos) dos famosos *Autos* de Gil Vicente, de 1561, a primeira tradução latina do Alcorão, de 1543, a *Bíblia poliglota Complutense* (1514-1517), a coleção de folhetos – *Biblioteca Volante*, de Frei Matias da Conceição (recolhidos entre 1736 e 1760), *La Cosmographie Universelle*, de Sebastian Munster (1568), e os 33 volumes de *La Galerie Agreable du Monde* (1690).

A *Casa da Livraria* não constava da ideia e projecto inicial Joanino. Em Mafra estiveram os frades *Jerónimos*, ligados à Companhia de Jesus, sendo que se lhes seguiram os *Arrábidos*, até que Pombal decidiu que ali deveriam estar os



Foto © Isogood_patrick / Shutterstock

Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, atribuindo-se-lhes a ideia da *Casa da Livraria*, projecto que depois foi evoluindo na mesma medida da extraordinária magnitude de todo o edificado barroco, inclusivamente, como antes vimos, para um convento de inigualável dimensão com capacidade para acolher mais de 300 frades.

Mafra representa, no panorama cultural nacional e europeu, a simbologia da extrema opulência do barroco de Setecentos, e um projecto de superlativa dimensão que marcou a época dourada Joanina do absolutismo régio Português. Os seus inúmeros e incomensuráveis tesouros[37], o valor cultural intrínseco da sua excepcional arquitecura e a extraordinária beleza dos seus elementos figurativos e identificadores como a Basílica e a Biblioteca assumem um papel muito próprio no imaginário dos Portugueses, no qual a imensa Tapada e a gigantesca *cidadela* do Palácio-convento constitui a supremacia da exuberância e da imponência arquitectural.

Dr. Luís da Costa Diogo
Diretor Jurídico da DGAM

N.R. *O autor não adota o novo acordo ortográfico*

Notas

[1] Que ocupa cerca de 38.000 m², significativamente maior que o famoso *San Lorenzo de El Escorial* de Madrid (com 33.327 m²), também este um amplo conjunto arquitectónico que inclui um palácio Real, Basílica, mosteiro e biblioteca, tendo sido o grande monumento erigido na época dourada da Renascença filipina espanhola (1563-1584).

[2] Em especial os Reinados de D. Afonso VI, que reinou, em grandes dificuldades físicas e mentais, até 1683, e D. Pedro II que reinou até 1706, atento, designadamente, o fortíssimo impacto do Tratado de Methuen de 27 de Dezembro de 1703, e a brutal repercussão no tecido industrial têxtil nacional e o acentuado desequilíbrio da balança comercial sobretudo com a Inglaterra.

[3] Monarca que teve como referencial, em muitas áreas da governação, Luís XIV de França.

[4] Em larga escala devido à exploração intensiva do ouro no Brasil – e tudo o que tal actividade envolveu em termos das gravíssimas consequências sociais e humanas, sobretudo devido aos meios humanos e mão de obra forçada e escravizada empregue na extracção nas regiões de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso – e que, no total do século, terão correspondido a cerca de 850 toneladas, tendo a cadência mensal diminuído progressivamente a partir dos anos cinquenta e sessenta do Séc. XVIII, até ao início do Séc. XIX. Para mais desenvolvimentos, ver Armando de Castro, seus contributos para a "*História de Portugal*", Hermano Saraiva, "*O Convento do Memorial, Mafra*", em Horizontes da Memória, 1998, e ainda o extraordinário estudo de Maria Beatriz Nizza da Silva, "*D. João V*", Reis de Portugal, Círculo de leitores, 2005.

[5] Inicialmente projectado para apenas 13 frades, tendo o projecto final acabado por prever uma dimensão para cerca de 330, tendo sido acrescidas extensas alas aos desenhos iniciais.

[6] Por casamento com Fernando VI, sendo Rainha ainda durante 14 anos até à sua morte em 1758.

[7] Hermano Saraiva, programa referido.

[8] Originário da Suábia, do Ducado de Wurttemberg.

[9] Conhecido como Frederico Ludovice, com percurso e casamento em Itália com uma napolitana onde se converteu ao Catolicismo, foi contratado pelos jesuítas para trabalhar na sua especialidade de ourives no Sacrário Igreja de Santo Antão, bem como noutras igrejas como o Convento do Carmo, a Sé de Coimbra e S. Vicente de Fora, tendo iniciado o seu percurso em Lisboa em finais de 1700, ainda no Reinado de D. Pedro II, e sido o responsável por obras de grande envergadura como a reforma da Capela Real do Paço da Ribeira, transformando-a na Igreja Patriarcal de Lisboa, uma das mais fulgurantes e ricas da Europa de então. Seria, mais tarde, agraciado com o cargo de *Arquitecto-mor* do Reino.

[10] Com cerca de 21 km murados, no seguimento, aliás, de um Decreto Real de 18 de Julho de 1744 que determinava a demarcação da reserva para caça, recreio e para sustentação das actividades do Palácio-convento. Os terrenos e quintas que correspondem ao actual perímetro foram sendo adquiridos pela Coroa por fases que decorreram, sucessivamente, em 1713, 1734 e 1748, havendo notícia que, já no Reinado de D. José, foram exarados decretos de expropriação de vários terrenos.

[11] Em rigor são 3, construídas com especiais preocupações de organização espacial, de acolhimento e de higiene, com apoio de farmácias próprias, enfim, um *hospital* pensado com toda a modernidade do seu tempo; estando as enfermarias perfeitamente preservadas, são tidas como únicas no mundo.

[12] Que tocaram pela primeira vez na consagração da Basílica a 22 de Outubro de 1730, data que coincidiu com o aniversário do Rei.

[13] É o maior carrilhão histórico do Séc. XVIII, pesando, o seu conjunto de sinos de bronze, centenas de toneladas – o sino maior pesa cerca de 12 toneladas –, tendo sido encomendados na Flandres, nas oficinas de referência de Antuérpia e de Liège. Tem-se notícia de que o valor pedido pelas oficinas flamengas para um único carrilhão era absolutamente exorbitante e até proibitivo para a época, tendo o Rei, com naturalidade, em resposta, dito que assim sendo pretendia que fabricassem dois. Para aprofundamento do valor do conjunto, ver o entendimento, e entrevistas, do diretor do Palácio Nacional, Mário Pereira, o qual expressa que Mafra constitui, além de todo o seu valor arquitectónico intrínseco, um "(...) *património técnico, de relojoaria, sineiro... e um património musical de carrilhões*".

[14] Algumas delas publicações raríssimas dos Séc. XIV, XV e XVI e obras primas únicas, como adiante se verá.

[15] Ver, no contexto da matéria, a excelente tese de doutoramento de Isabel Pião Nogueira (2023) sobre "*A cultura científica em Portugal no Séc. XVIII. Levantamento, caracterização e análise do acervo científico da Biblioteca nacional do Palácio de Mafra*".

[16] Onde se formaram vários arquitectos nacionais, que dariam os seus determinantes contributos aquando das obras de recuperação da Baixa Pombalina. Na Escola de Risco foi introduzido o uso da *gaiola de madeira antissísmica*, que já tinha dado provas anteriores em experiências conhecidas por *Friedrich Ludwig* antes da sua vinda para Portugal.

[17] Dados apontam para números totais entre os 46.000 e os 52.000. Para comparativo da colossal dimensão humana que esteve em causa com a construção do Palácio-convento, sublinhe-se que, atento o Censos de 2021, a população do município (Mafra), 300 anos depois, era de 86.521 habitantes, existindo estimativas que apontam para uma população actual de cerca de 91.000.

[18] Para aprofundamento das situações ocorridas, da natureza dos actos compulsivos então decididos e as profissões e especialidades mais abrangidas (canteiros, carpinteiros, entalhadores, serradores, ferreiros e paisanos, entre outros) ver o mencionado estudo de Maria Nizza da Silva. Consultar, e, também, o extraordinário estudo de António Filipe Pimental em "*O Real Edifício de Mafra. Arquitectura e Poder*", Livros Horizonte, 2002, mencionado que, em 1731, o número de trabalhadores empenhados foi de 15.470 acrescido de 6124 militares (infantaria e cavalaria).

[19] Atenta a natureza e características das casas construídas para habitação, um vastíssimo conjunto de barracões edificado a nordeste da obra.

[20] O Papa Bento XIV, em 1748, atribuiu ao Rei Português – que reinou 43 anos – o título de *Majestade Fidelíssima*, num franco elogia à Coroa Portuguesa e à reconquista, até aos olhos de Roma, do prestígio de Portugal e a sua fidelidade à Santa Sé; comparativamente, se o quisermos fazer, o monarca de Espanha era *Sua Majestade Católica* e o Rei de França *Majestade Cristianíssima*.

[21] Mandada edificar ao centro do Palácio, tendo uma decoração em mármores cromáticos vários, a ampla Galeria era, em termos da sua opulente cenografia estética, totalmente concordante com a Basílica, para a qual o Rei e a família Real acedia às celebrações directamente através da varanda central.

[22] Arquitecto, pintor e historiador de arte, tendo estudado em Roma e participado em muitas outras obras como sejam as no Palácio do Grilo, na Igreja de S. Sebastião da Pedreira e no Palácio da Ajuda.

[23] Onde estavam os aposentos e salas destinadas ao serviço da Rainha.

[24] Ver informação oficial do Palácio Nacional de Mafra sobre os aposentos Reais. No Torreão Norte, correspondente aos aposentos do Rei, a Capela privada do monarca é, no tipo, de grande dimensão, e nela, em particular no retábulo, encontra-se uma pintura de Oliveira Bernardes, de 1730, sendo que o fresco no tecto é da autoria de Cirilo Machado.

[25] Com cerca de 3/4 metros de altura.

[26] Fundamentalmente, extraída das pedreiras de Pero Pinheiro.

[27] Designadamente azulados e rosados, de Estremoz, além dos extraídos das pedreiras de Pero Pinheiro.

[28] Giusti substituiu grande parte dos painéis pintados das várias Capelas da Basílica por baixos relevos em mármore, o que representou uma autêntica revolução nas artes de esculpir e aplicar o mármore e a sua história evolutiva em Portugal. Na Escola – ou *Aula de Escultura* – que ali fundou, teve como discípulos Machado de Castro, Joaquim Leitão, João Elvani, Barros Laborão, Joaquim António Macedo, Toscano de Melo e Silva Benevides, entre outros.

[29] Pelo exterior ascende a 71 metros.

[30] A cúpula da Torre dos Clérigos, no Porto, posterior, inaugurada em 1779, tem 76 metros de altura.

[31] Entre as quais o famoso *Te Deum Laudamus*.

[32] A Biblioteca de Mafra é talvez a única biblioteca histórica Portuguesa que nunca foi saqueada, não obstante algumas circunstâncias pontuais que envolveram desvios de obras.

[33] Como Marcos de Portugal, João de Souza Carvalho e João José Baldi.

[34] Instaladas em 1776, tendo os livros sido colocados, seguindo um *index*, por todas as décadas seguintes. O segundo inventário – ainda hoje extremamente útil – foi terminado pelo Frei João de Santa Ana já nos inícios do Séc. XIX.

[35] Estão colocados no piso superior.

[36] Para maior aprofundamento, ver a excelente obra de Manuel Gandra, "*A Biblioteca do Palácio Nacional de Mafra*", Mafra, Município de Mafra, 2003.

[37] Sobretudo da soberba estatuaria, de pintura e os bibliotecários, além do inigualável conjunto dos magníficos carrilhões e os 6 órgãos históricos.

BOLSAS ERASMUS+ MARINHA

APOIO UNIVERSITÁRIO

UM INVESTIMENTO NO FUTURO DA FAMÍLIA NAVAL

A educação constitui um dos pilares fundamentais do desenvolvimento pessoal e profissional das novas gerações. Consciente desta realidade e no âmbito da sua missão de apoio à Família Naval, a Marinha estabeleceu uma parceria com a Fundação Santander Portugal para a criação do Programa ***Bolsas Erasmus+ Marinha Apoio Universitário***, uma iniciativa destinada a apoiar estudantes do ensino superior em programas de mobilidade académica internacional ao abrigo do Erasmus+.



PROGRAMA

O programa nasceu da vontade conjunta de ambas as instituições em promover oportunidades de qualificação académica e valorização pessoal dos jovens da Família Naval, contribuindo simultaneamente para reduzir os encargos financeiros inerentes à frequência de períodos de estudo no estrangeiro. Desde a sua génese, esta iniciativa foi encarada como uma medida de apoio social estruturante, alinhada com um dos objetivos estratégicos da Marinha: apoiar os seus militares, militarizados, civis e respetivas famílias, nomeadamente no domínio da educação.

A operacionalização do programa foi assegurada através da plataforma *Santander Open Academy*, que permitiu concentrar num único sistema a divulgação, a submissão das candidaturas, a análise dos processos e o acompanhamento dos candidatos. Esta solução revelou-se essencial para garantir elevados níveis de transparência, eficácia e segurança em todas as fases do procedimento.

PRIMEIRA EDIÇÃO

A primeira edição do Programa ***Bolsas Erasmus+ Marinha Apoio Universitário*** decorreu entre dezembro de 2025 e fevereiro de 2026. Posteriormente, foi promovida uma segunda edição destinada ao preenchimento das bolsas remanescentes. A análise das candidaturas foi efetuada por uma equipa multidisciplinar coordenada pela Superintendência do Pessoal, integrando representantes das áreas de Apoio Social, Pessoal e Formação.

No conjunto das duas edições, foram atribuídas dez bolsas de apoio à mobilidade Erasmus+, destinadas a estudantes universitários da Família Naval. O programa previu a atribuição de um apoio financeiro mensal de 500 euros, até ao valor máximo de 2500 euros por bolseiro, representando um investimento global de 25.000 euros no apoio à mobilidade académica internacional. Este apoio permitiu aos beneficiários enfrentar com maior tranquilidade os desafios financeiros associados à sua permanência no estrangeiro, nomeadamente despesas de alojamento, alimentação, transportes e materiais académicos.

Mais do que um simples apoio financeiro, o programa procurou criar condições para que os estudantes pudessem aproveitar plenamente a experiência Erasmus+, concentrando-se nos seus objetivos académicos e pessoais. A avaliação realizada junto dos bolseiros da primeira edição revelou níveis muito elevados de satisfação, destacando-se a perceção de que a bolsa contribuiu significativamente para reduzir a pressão financeira sobre os agregados familiares e para aumentar a capacidade de dedicação exclusiva aos estudos.

RESULTADOS OBTIDOS

Os resultados obtidos demonstram igualmente que a iniciativa teve um impacto positivo no reforço do sentimento de pertença à Família Naval. Os bolseiros reconheceram o interesse da Marinha pelo bem-estar das suas famílias e valorizaram o facto de a Marinha apoiar ativamente os seus percursos académicos e as oportunidades de formação internacional.

A parceria estabelecida com a Fundação Santander Portugal foi determinante para o sucesso do programa. A colaboração entre as duas instituições permitiu desenvolver um modelo de apoio moderno, transparente e centrado nas necessidades dos estudantes, demonstrando o valor das parcerias institucionais na promoção da educação e da mobilidade académica.

Os resultados alcançados na primeira edição confirmam a relevância do Programa ***Bolsas Erasmus+ Marinha Apoio Universitário*** e reforçam a convicção de que esta iniciativa deverá manter-se como uma medida estruturante de apoio social da Marinha. Ao investir na educação, na qualificação e no desenvolvimento dos jovens da Família Naval, a Marinha continua a afirmar o seu compromisso com as pessoas, com as famílias e com o futuro.

Colaboração da ***DIREÇÃO DE APOIO SOCIAL***

DIA NACIONAL DA PRAÇA DAS FORÇAS ARMADAS

O Dia Nacional da Praça das Forças Armadas celebra-se em 8 de setembro, dia em que, no ano de 1936, aconteceu a "Revolta dos Marinheiros".

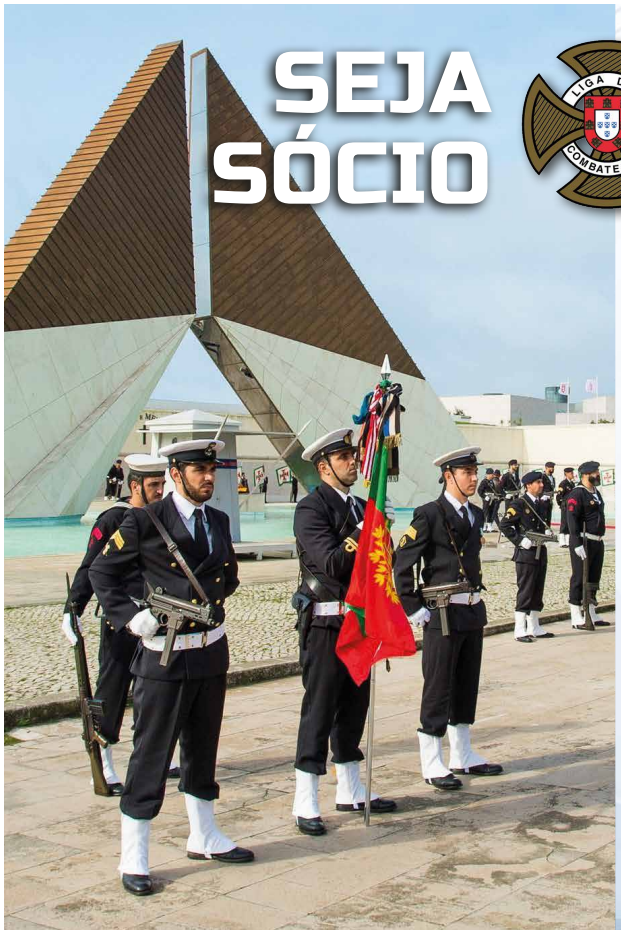
Na madrugada daquele dia, 208 Marinheiros dos navios de guerra da República Portuguesa "Dão", "Afonso de Albuquerque" e "Bartolomeu Dias", ergueram-se para exigir ao III Governo do Estado Novo, instituído pela Constituição de 1933, a libertação e a reintegração de 17 camaradas que tinham sido demitidos e presos.

Este movimento foi reprimido de forma violenta pelo governo ditatorial, tendo como consequência a morte de 5 Marinheiros durante os confrontos e o julgamento de 92 em tribunal militar, tendo 82 sido condenados a prisão, 34 dos quais foram "inaugurar" o Campo do Tarrafal, conhecido como o "Campo da Morte Lenta". Com efeito, 5 Marinheiros pereceram aos maus-tratos e condições inumanas ali existentes.

Em termos históricos, tratou-se de "um ato heroico" contra a ditadura do Estado Novo – assim qualificado pelo Presidente da República, em 21 de maio de 1999, aquando do agraciamento com a Comenda da Ordem da Liberdade de 6 dos Marinheiros intervenientes – sobreviventes do Tarrafal.

Neste dia, decorridos 90 anos sobre a "Revolta dos Marinheiros" de 8 de setembro de 1936, assinala-se o espírito de camaradagem, sacrifício, dedicação e entrega das Praças, fundamental para o cumprimento da Missão das Forças Armadas Portuguesas, seja em teatros de conflito, operações de paz, ajuda humanitária ou emergência civil, levantando sempre, bem alto, a Bandeira de Portugal.

Paulo Sopinha de Amaral
CMOR RES



SEJA SÓCIO

LIGA DOS COMBATENTES

COMBATENTES
ONTEM | HOJE | AMANHÃ

A Liga dos Combatentes admite como Sócios pessoas singulares ou coletivas, nacionais ou estrangeiras, que professem o ideário da instituição e que se disponham a servi-la. Descubra mais no Núcleo da sua área de residência, em www.ligacombatentes.org ou no QR Code em baixo.

DIREITOS E REGALIAS

– acesso aos 10 Centros de Apoio Médico, Psicológico e Social (CAMPS), em vários pontos do país;
– desconto até 0,12€/litro em combustíveis com o Cartão GALP+;
– descontos em farmácias, óticas e outros serviços de saúde;
– descontos em lojas comerciais e outros serviços;
– benefícios diversos protocolados com dezenas de entidades, incluindo o IASFA;
– receção gratuita da revista «Combatente», publicada trimestralmente;
– acesso gratuito ao Museu do Combatente (Lisboa), Museu das Oferendas ao Soldado Desconhecido (Batalha) e aos museus dos Núcleos;
– inumação em Talhão de Combatentes (reservado a Sócios Combatentes e Efetivos);
– participação em eventos, cerimónias, comemorações e encontros de Combatentes;
– e muito mais…

QUOTAS

– até aos 12 anos: isento
– entre os 13 e 18 anos: 10€ /ano
– a partir dos 18 anos: 20€ /ano

SAIBA MAIS

DESPORTO EM DIA



34.º CAMPEONATO DA MARINHA DE ORIENTAÇÃO

Realizou-se nos dias 28 e 30 de abril, o 34.º Campeonato da Marinha de Orientação, organizado pelo CEFA, na zona da Quinta do Anjo (prova individual) e no Parque da Paz, em Almada (prova de *sprint* e estafetas), reunindo 27 atletas em representação de quatro Agrupamentos Desportivos: Base Naval de Lisboa (BNL), Escola Naval (EN), Corpo de Fuzileiros (CF) e Unidade de Apoio às Instalações Centrais de Marinha (UAICM).

A competição foi disputada nos escalões masculino e feminino na prova individual (28ABR) e *sprint* e estafetas (30ABR) decorrendo com um grande espírito competitivo.

CLASSIFICAÇÕES INDIVIDUAIS:

I ESCALÃO MASCULINO

1.º – 1SAR FZ Batista Pereira (CF)
2.º – SAJ FZ Silva Branco (CF)
3.º – 2TEN Bon de Sousa (BNL)

II ESCALÃO MASCULINO

1.º – 1SAR A Almeida Serra (UAICM)
2.º – GRD2CL PEM Silva Neves (BNL)
3.º – CFR EN-MEC Silva Machado (BNL)

III ESCALÃO MASCULINO

1.º – GRD1CL PEM Magalhães Correia (BNL)
2.º – SAJ FZ Alexandre Cruz (UAICM)
3.º – CFR EN-MEC Marcelino Ruivo (EN)

I ESCALÃO FEMININO

1.º – 2TEN Ana Guerreiro (BNL)

III ESCALÃO FEMININO

1.º – SAJ ETA Vera Reis (BNL)
2.º – CFR EN-MEC Suzana Lampreia (EN)

O Agrupamento Desportivo vencedor deste campeonato foi a Base Naval de Lisboa (BNL).



40.º CAMPEONATO DA MARINHA DE TIRO DE PISTOLA

Decorreu nos dias 6 e 7 de maio, o 40.º Campeonato da Marinha de Tiro de Pistola organizado pelo CEFA reunindo 25 atletas em representação de 4 Agrupamentos Desportivos: BNL, EN, CF e UAICM.

A competição foi disputada nos escalões masculino e feminino, tendo a prova decorrido com elevado espírito desportivo e competitivo.

CLASSIFICAÇÕES:

ESCALÃO ÚNICO MASCULINO

1.º – CAD AN Marreiros Gabriel (EN)
2.º – SMOR FZ Duarte Perna (CF)
3.º – CMOR A Gomes Grave (UAICM)

ESCALÃO ÚNICO FEMININO

1.ª – CTEN TSN-PSI Filipa Pereira (UAICM)
2.ª – CFR AN Ana Bernardes (UAICM)
3.ª – 1SAR L Marina Vendeira (UAICM)

O Agrupamento Desportivo vencedor foi a EN.

*Colaboração do **CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA ARMADA***

RENOVADAS
HISTÓRIAS DA BOTICA ~ 95

A OBLITERAÇÃO DO OUTRO... E O "DR. LINGUINHAS DE PRATA..."

"...onde reina a malícia, está o receio,
Que a faz imaginar no peito alheio."

Os Lusíadas, canto II, Luís de Camões

Há dois livros que leio repetidamente, desde que me reconheço. São *os Lusíadas* de Luís de Camões, história bela e irreal, encantatória, e as *Aventuras de João-Sem-Medo*, de José Gomes Ferreira, relato mítico, escrito entre a comédia e a desgraça, entre a felicidade e a melancolia, as duas faces da vida, de todas as vidas, sempre de braço dado. Aparentemente sem qualquer ligação entre elas, estas obras têm em comum um relato sobre a "portugalidade"... Especialmente sobre as características do "ser português", que se repetem ao longo de séculos.

A citação acima enquadra-se que nem uma luva nos tempos atuais. Vivemos num tempo em que ninguém confia e reconhece a humanidade do outro – que muitos vêem sempre como malicioso e agressivo, reflexo da malícia que eles próprios trazem no peito e praticam... Sente-se isto, nos passeios das cidades e nos comportamentos nas estradas – onde quem mais insulta se sente justificado, mesmo que tenha cometido os mais atrozes atropelos à civilidade... Poucos se cumprimentam, poucos se reconhecem...

Num ambiente assim, medra a boçalidade generalizada, exposta descaradamente, como se uma mentira repetida pudesse alguma vez ser verdade, ou, em termos públicos, todos funcionassem com o que na linguagem médica se chama um "Locus Externo", ou seja, um mecanismo psicológico repetidamente usado por muitos, que desculpa o próprio de qualquer culpa, para a atribuir a circunstâncias externas, ou ao comportamento de outrem... É o reino da mentira emoldurada, fruto de uma normalidade doentia...

Este estado de coisas permite ignorar completamente os outros, nas perturbações da vida, reforçando, continuamente, um "Eu" perverso e permitindo afirmar publicamente – nas benditas redes sociais – frases como:
– "Foi atropelado na passadeira! É parvo, deveria ter deixado passar o carro...".

Na medicina, pública ou privada, o mesmo se passa, todos têm todos os direitos e nenhum dever. Como "passou a ser evidente", fica-se com insuficiência respiratória grave, por culpa de maus diagnósticos, aqui e ali, e não porque se fumou a vida inteira... Adquirem-se Acidentes Vasculares Cerebrais, por culpa da médica de família, que apesar de repetidamente prescrever fármacos para baixar a pressão arterial, nunca "acertou" e como tal, não se tomou nenhum... Na verdade, os peritos (das mesmíssimas redes...) bem



Autor: 1TEN TSN-ARQ Paulo Guedes

afirmam que os medicamentos fazem mal e não devem ser tomados... Por fim, ameaçam-se, cada vez mais, por vezes fisicamente, os médicos (...e claro os restantes profissionais de saúde), por "baixas" não passadas, pareceres de Junta Médica não favoráveis, ou, genericamente, por qualquer atitude que não se coadune com os planos do paciente em questão...

Foi por tudo isto, fiquei muito contente quando me cruzei, num grande hospital privado de Lisboa, com o Dr. "Linguinhas de Prata". Este médico anestesista, tal como todos os médicos daquela geração, concorreu à Marinha já com o curso de Medicina. Foi Primeiro-tenente Médico Naval. O cognome assentou-lhe pelo forte sentido de humor, sempre não-ofensivo, acentuando muitas vezes o ridículo de situação associado a algumas atitudes públicas e privadas, que poucos tinham coragem para assinalar.

Partilhei muitos episódios com o Dr. Linguinhas de Prata, especialmente porque enquanto estávamos no Internato da Especialidade (nos médicos são vários anos), assegurávamos também o Serviço de Urgência do Hospital da Marinha. Tivemos então ambos a ousadia de, em anos sucessivos, não fazer férias no mês de agosto. Ora, nalguns anos, e em semanas específicas, recebíamos sucessivamente o serviço um do outro, sendo que em simultâneo tínhamos – como todos os outros médicos – de assegurar as urgências do Hospital Civil em que por obrigatoriedade se adquiria a Especialidade Médica (uma vez que na Marinha não havia idoneidade formativa). Aquele desiderato obrigava a que numa mesma semana, no mês de agosto, entre as várias instituições, se fizesse 3, ou 4 serviços de 24 horas, muitas vezes consecutivamente. Daí que era comum ouvir ao Dr. Linguinhas expressões como:

– *Penso que a minha mulher já não me conhece...*

Ou, no momento da passagem:

– *Deixei a "cama quente", neste submarino em que estamos...*

Como o dom da ubiquidade é uma característica exigida, ainda hoje, a muitos médicos navais, eram comuns trocas e atrasos – forçosamente compensados por outros – que nos ajudavam num tempo difícil. Era esta a relação, de grande confiança, entre o DOC e este anestesista, que o DOC nunca esqueceu...

Naquele mesmo hospital privado, encontrei mais quatro ex-médicos navais, num mesmo dia, já que a Marinha tem sido fornecedora de uma legião de médicos para os hospitais públicos e privados. Estes deixam as fileiras, por abate voluntário, tendo em conta questões múltiplas e complexas, que não cabem no relato de um "Come-e-Dorme" Médico Naval, na Reserva, mas certamente não é um fenómeno explicável por qualquer incapacidade técnica da parte deles. Neste sentido, ocasionalmente, ouço relatos de camaradas que recorrem a este seleto grupo, em continuidade, mesmo fora da Marinha... Tenho pena que tenham saído, pois enriqueciam a nossa vida e a nossa capacidade...

Do Linguinhas, claro, guardo a forte humanidade e a inexcedível simpatia. Falar agora com ele, fez-me sentir na alma a falta que me fez a sua companhia ao longo de anos. Do meu grande amigo, percebi, há muito tempo, que, apesar do brilhante sentido de humor, que a malícia dos tempos modernos não lhe tolda o coração.

Mais uma vez, me ajudou... Mais uma vez lhe estou grato...

Daqui lhe envio um forte abraço de reconhecimento.

Doc

CONVÍVIOS E ENCONTROS

AVISO

NRP *SAGRES*
ENCONTRO DE GUARNIÇÕES

Realiza-se no dia **31 de outubro** em Mangualde, na *Quinta dos Cisnes*, o encontro de guarnições do NRP *Sagres*.

Programa do convívio:

10h00 – Concentração na Senhora do Castelo
11h00 – Receção no Salão Nobre da CM pelo Presidente da CM, Dr. Marco Almeida
12h00 – Homenagem a todos que já partiram na rotunda dos combatentes
12h30 – Almoço na *Quinta dos Cisnes*

Inscrições: **Pedro Ferreira** TM 914828611, **Amândio Nascimento** TM 919870179

AVISO

NRP *VASCO DA GAMA*
1.ª GUARNIÇÃO

Realiza-se no próximo dia **7 de novembro** às 13 horas um almoço de convívio da 1.ª Guarnição do NRP *Vasco da Gama*, no Centro de Apoio Social de Lisboa do Instituto de Ação Social das Forças Armadas, sito na Rua de São José, n.º 24, Lisboa, com as suas famílias.

Para mais informações os interessados devem contactar:

CALM S Ramalheira - TM 912020844
SCH O Coelho - TM 965716559
SCH C Lemos - TM 965071382

VIGIA DA HISTÓRIA ~ 157

ESPERTEZA SALOIA



O caso que hoje aqui trago é mais um a que, sem qualquer dúvida, se pode classificar como de chico espertismo que, aparentemente de tantas as vezes usado, desta vez "terá dado para o torto".

Em carta escrita em Lisboa e datada de 7 de Junho de 1658, o Rei informava o Governador Geral do Brasil, Francisco Barreto de Meneses, que a Junta da Companhia do Comércio lhe apresentara um caso de clara violação do monopólio de que aquela Companhia detinha.

Dava-se o caso que Domingos Rodrigues Pereira, mestre (1) da caravela *Nª Srª da Graça*, sob o pretexto de comerciar em Cabo Verde, escalava a Ilha da Madeira para aí carregar vinhos, vinhos esses que, posteriormente, ia vender ao Brasil, alegando para o efeito ter ali arribado devido aos fortes temporais que havia sofrido na viagem, ou então ao facto de ter sido acossado por embarcações de inimigos e, face à aceitação do motivo das arribadas, fácil lhe era obter autorização para a venda da carga, daí resultando consideráveis prejuízos para a Junta da Companhia.

Determinava o Rei que, caso o tal Domingos Rodrigues Pereira fundeasse com o seu navio na Baía fosse, desde logo, apreendido o navio e perdido em favor da Coroa e os géneros embarcados dados à Companhia de Comércio, acrescentando que não deveriam ser admitidas como provas a alegações de mau tempo ou o temor pela acção de inimigos, porquanto era sabido serem estes fraudulentos.

A carta finalizava com a indicação de que a ordem deveria ser extensiva a qualquer porto do Brasil e que, caso o vinho já tivesse sido vendido na altura da captura, lhe fosse tomado em dinheiro ou em espécie o respectivo valor, evitando assim, por esta forma, os descaminhos e o cumprimento das ordens reais.

O facto de não ter encontrado qualquer outra referência posterior a este mestre e ao seu navio, leva a supor, como bastante provável, que esta última ordem real terá sido efectivamente cumprida.

Cmdt E. Gomes

(1) Mestre era, neste caso, o responsável máximo do governo da embarcação, termo usado em vez de capitão, fundamentalmente devido ao seu tamanho.

Fonte: Documentos Históricos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro vol. 66 fol. 149

N.R. *O autor não adota o novo acordo ortográfico*

Retrato de Francisco Barreto de Meneses, pintado em 1673-1675 por Feliciano de Almeida. Actualmente na Galleria degli Uffizi, em Florença, Itália.

QUARTO DE FOLGA

JOGUEMOS O BRIDGE

Nº 18

Sul (dador) abre em 1ST tendo Oeste feito uma intervenção em 2♥, a qual mostra um bicolor (5-5 ou pelo menos 5-4) em Copas e um menor (voz com igual significado tanto na convenção *Cappelletti* como no *Multilandy*). Com os seus 11 pontos de honra e duas figuras maiores no naipe de Copas, Norte marcou naturalmente 3ST, tendo os restantes três jogadores passado. Sul vai então jogar o contrato final de 3ST recebendo a saída de Oeste a A, R e pequeno Ouro (ganhando a terceira vaza com a D♦), tendo Este assistido sempre. Analise atentamente as 2 mãos e decida qual a melhor linha de jogo para conseguir cumprir o contrato.

NORTE (N)

♠	♥	♦	♣
D	A	9	R
5	D	5	6
3	5	4	2
	2		

SUL (S)

♠	♥	♦	♣
A	V	D	A
R	7	V	4
7	4	8	3
6			

SOLUÇÃO DO PROBLEMA Nº 18

Após as 3 primeiras vazas, Sul já sabe que Oeste tem um bicolor de 5 Copas (já agora, não pode ter 6 porque nesse caso daria outra voz a anunciar essas 6 cartas) e 4 Ouros, tendo ficado com a 13ª carta de Ouros para fazer quando e se apanhar a mão. Vamos então contar as vazas ganhantes: 3 a Espadas, 2 a Copas, 1 a Ouros que já fizemos e 2 a Paus, ou seja 8 vazas no total. Como poderemos conseguir a vaza que nos falta? Atacar o naipe de Copas parece prometedor, atendendo a que foi Oeste que o anunciou e temos ADV entre as duas mãos. Pois, mas para além do R♥ falta-nos as cartas intermédias (10, 9 e 8); vejamos: se partirmos de Sul com o V, Oeste joga o R e só fazemos A e D; se ao invés partirmos de 4, Oeste joga o 8 que cobrimos com a D; quando voltarmos a Sul e jogarmos outra copa (V ou 7) basta a Oeste cobrir essa carta (ou seja, jogar uma maior) e continuamos a fazer apenas 2 vazas no naipe. Conclusão: atacar o naipe de Copas não é solução. Existe outra hipótese, que é ganharmos uma quarta vaza a Espadas se elas estiverem distribuídas 3-3 nos adversários; a mão de Oeste já "mostrou" 9 cartas nos naipes vermelhos, pode ter 3 a Espadas e uma a Paus. Na quarta vaza, Sul decide então testar as Espadas, jogando A e D♠ e vendo Oeste assistir na primeira com o 9 e baldar uma pequena Copa na segunda. Parece que Sul está num beco sem saída: não pode atacar o naipe de Copas para fazer uma terceira vaza e também não consegue fazer uma quarta vaza a Espadas. Pensemos melhor: Oeste tem portanto uma carta a Espadas, 5 a Copas, 4 a Ouros e 3 a Paus. A chave está então no naipe de Paus: se conseguirmos pôr Oeste em mão no terceiro Pau, jogará o seu último Ouro e agora terá que se virar no naipe de Copas. Depois das duas vazas a Espadas, Sul joga então A, K e pequeno Pau, vendo Oeste ganhar a vaza com a Dama! Agora, quando Oeste jogar o 8♥, Sul vai ter que acreditar que Oeste tem o K♥ e jogar uma pequena Copa do morto, ganhando a vaza com o V♥ da mão seguido de outra Copa para a *fourchette* AD do morto, 3 vazas ganhas no naipe e 9 no total, contrato cumprido.

Nascimento Coelho
Ex-CTEN AN
Comentários e/ou sugestões:
paulojncoelho@gmail.com

SOPA DE LETRAS

Nº 35

- MIRA
- MONETA
- NABO
- NADEIRO
- NOTO
- OLHO
- OURELA
- PAIRAR
- OVÉM
- ORILHA
- OFICIAL
- ÓCULO
- NAVEGO
- NASSA
- MIRABÁ
- MOITÃO

O	L	H	O	S	T	A	N	A	V	E	G	O	A
U	I	N	C	O	N	L	I	R	A	T	A	R	T
R	N	A	A	L	P	A	I	R	A	R	S	I	L
E	S	V	N	O	R	I	L	H	A	A	T	E	A
L	T	I	T	V	A	C	A	N	A	S	I	D	Á
A	E	O	A	É	S	I	T	U	L	I	A	A	B
A	N	S	R	M	T	F	I	S	U	A	S	N	A
R	O	Ó	C	U	L	O	R	T	I	A	S	A	R
I	T	A	A	N	A	C	L	E	T	O	A	B	I
M	O	I	T	Ã	O	S	I	A	T	E	N	O	M

Dias Matias
SCH CM

SUDOKU

Nº 128

	8				7			1
4				1		9		
	1	7		5		6	8	
			3					
		2				1		
	6	1			8			3
		8	6	3	5			
5	4							
			2					

FÁCIL

	5		6	7				
3		4		9		7		
		1	3			5		9
	9	3		1				
			5	6			2	1
		5						
	8				4			
4						9		8
	1							

DIFÍCIL

NOTÍCIAS PESSOAIS

NOMEAÇÕES

CALM M RES João Paulo Ramalho Marreiros, Assessor do Almirante Chefe do Estado-Maior da Armada, para as Ciências do Mar • COM M José João Sequeira Ramos Rodrigues Pedra, Comandante da Força Naval atribuída à Operação Atalanta, da União Europeia • CMG M Rodrigo Gonzalez dos Paços, Comandante de Zona Marítima do Norte, em acumulação com os cargos de Chefe do Departamento Marítimo do Norte e Capitão dos Portos do Douro e Leixões • CMG M Luís Filipe da Conceição Duarte, Comandante de Zona Marítima do Sul, em acumulação com os cargos de Chefe do Departamento Marítimo do Sul e Capitão do Porto de Faro • CMG EN-AEL Sérgio Miguel Raminhos Carrilho da Silva Pinto, Subdiretor de Navios.

RESERVA

VALM M José Nuno dos Santos Chaves Ferreira • VALM EMT Fernando Jorge Pires • CALM M João Paulo Ramalho Marreiros • CMG M António Pedro Nolasco Crespo • CMG EN-MEC Rogério Pedro Pereira Santana • CFR STFZ António Costa Mestre • CFR ST-ECIV António Joaquim da Silva Queimadas • CTEN STP António Joaquim Courela Alexandre • 1TEN STL Norberto José Veiga Mendes • 1TEN STP João Francisco Moreira Turbulento • SMOR L Fernando Carlos Afonso Almeida Gonçalves • SMOR ETC Jorge Manuel Reis Serra Alves Cardetas • SMOR C Jorge Manuel Pinto Serrano • SMOR C João Pedro Dias Marreiros • SMOR ETS Armindo Augusto Pinto Correia • SMOR E Miguel Ângelo Rodrigues Barradas • SMOR H Pedro Filipe Coelho Azevedo • SMOR R Nuno Manuel Paulino Mourinho • SMOR U Luís Miguel Marques Cristão • SMOR ETI Sérgio Manuel Grou Simões • SMOR M Manuel José Filipe Andrade • SMOR ETC Mário Fernando Pereira Valente SCH C João Paulo Marques Caldeira • SCH C Reinaldo José Henriques Sardinha Alves • SCH C Isidro José Batista • SCH ETA João Manuel Guerreiro Sardinha • SCH E José António Duarte Pinto ò SCH CM Paulo Alexandre Fernandes Lapa • SCH TF Paulo Jorge Gonçalves dos Santos.

FALECIDOS

736483 CAB FZ REF Carlos Fernando Caracinha Marques • 11525017 MAR ISN TESV ACT José Luís Pereira Gonçalves • 48668 1MAR FZ EQM-PIV-DFA REF António Joeje Marques Ramos • 561559 1GRT FZ REF Diogo dos Santos Faustino • 32004072 Guarda 1CL PEM APO Joaquim Manuel Abrantes Malaquias • 34009662 PATRÃO COSTA QPMM APO Manuel Augusto de Matos.



ECLIPSE SOLAR FAROL DO CABO ESPICHEL

12 DE AGOSTO DE 2026



Composição sequencial de Eclipse Solar © 2STEN TSN-ARQ João Eduardo Duarte Domingos

A sequência do eclipse solar de 12 de agosto desenha um arco luminoso sobre o horizonte do Cabo Espichel, cuja paisagem é protagonizada, num plano mais próximo, pela silhueta do farol, marcando um encontro entre a luz e a sombra. Cada fase do eclipse revela o ritmo do tempo, combinando-se o fenómeno astronómico com a natureza e a arquitetura do lugar.

Marinha Portuguesa em Selos (XX)

Descobertas Arqueológicas, 2025





Sobrescrito de 1.º dia, selo e bloco dos Açores, e carimbo de 1.º dia da emissão. Design: Folk Design. Coleção do Núcleo de História Militar Manuel Coelho Baptista de Lima; Museu de Angra do Heroísmo. Acervo do Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas.

Coleção CTT Correios de Portugal
Imagens cedidas por CTT Correios de Portugal

O Museu de Marinha e o Centro Nacional de Arqueologia Náutica e Subaquática integram o Grupo de Trabalho Interministerial para a Salvaguarda do Património Cultural Subaquático que visa inventariar, salvaguardar, investigar, divulgar e valorizar o património cultural subaquático nacional.



CFR MN S. Henriques